



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
CAMPUS II – ALAGOINHAS – BA
CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

Marcos Vinícius Ferreira Costa

**Levantamento florístico da família Melastomataceae Juss. para o litoral
norte, Bahia, Brasil**

ORIENTADORA:

Prof^ª. Dra Gracineide S. S. de Almeida

ALAGOINHAS

2024

Marcos Vinícius Ferreira Costa

Levantamento florístico da família Melastomataceae Juss. para o litoral norte, Bahia, Brasil

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Exatas e da Terra, Campus II – Alagoinhas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como exigência para obtenção de grau de Licenciado em Ciências Biológicas.

ORIENTADORA: Prof^ª. Dra Gracineide S. S. de Almeida

ALAGOINHAS
2024


Marcos Vinícius Ferreira Costa

Levantamento florístico da família Melastomataceae Juss. para o litoral norte, Bahia, Brasil

Monografia aprovada como exigência parcial para obtenção do título de professor/biólogo à comissão julgadora.


Aprovada em: 11/12/2024

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **GRACINEIDE SELMA SANTOS DE ALMEIDA**
Data: 27/12/2024 18:46:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


Profa. Dra. Gracineide Selma Santos de Almeida

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Documento assinado digitalmente
 **LUCIENE CRISTINA LIMA E LIMA**
Data: 27/12/2024 21:51:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Luciene Cristina Lima e Lima

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Documento assinado digitalmente
 **DIOGO SILVA BEZERRA**
Data: 27/12/2024 18:54:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Diogo Silva Bezerra

Universidade Federal de Sergipe. (UFS)

AGRADECIMENTOS

A Universidade do Estado da Bahia, instituição responsável pela minha formação e pelo desenvolvimento do meu olhar científico.

Ao Programa de Iniciação Científica da Universidade do Estado da Bahia – PCIN/UNEB, pela concessão da bolsa.

À minha orientadora, Profa. Dra. Gracineide Selma Santos de Almeida, pela nossa amizade, pelos aprendizados inesquecíveis e por todo o carinho com que fui acolhido nos dias difíceis. Muito obrigado.

Aos meus pais, por serem minha inspiração e âncora nos momentos de quase desistência, e por serem os responsáveis por me trazerem até aqui. Ao meu irmão, por me mostrar como combater este mundo com o verdadeiro otimismo. Eu amo vocês.

À minha tia Solange, que me deu moradia durante esses anos de graduação. Serei eternamente grato.

Aos meus amigos Renata, Braian e Jean, que formaram comigo o “Quarteto Fantástico”. Foi maravilhoso dividir a graduação com vocês.

A Diogo, pela mais sincera das amizades. Nunca irei esquecer o dia em que te conheci, nem tudo o que veio depois. És incrível, obrigado

A Rodrigo, pela sua amizade inoxidável e pelas maravilhosas dicas de ilustração que me deu. Elas também são suas.

Aos colegas Joyce e Sthefany, por todas as aventuras em campo. Aprendi muito com vocês. À Geovana, pelas maravilhosas risadas, à Sara, pela maestria na construção de mapas, e ao David, pelo suporte quando eu ainda nem sabia bem o que estava fazendo.

Aos meus amigos Mendes, Hugo e Vítor, o grupo de desajustados que eu tanto amo. Obrigado por todas as jogatinas e conversas. Vocês nem imaginam como elas me salvaram.

A todos que de alguma forma contribuíram para minha formação ao longo da minha trajetória, sou grato a cada pequena influência que recebi no espaço acadêmico.

RESUMO

Melastomataceae conta, atualmente, com 177 gêneros e cerca de 5,858 espécies, em sua maioria em regiões tropicais do globo, com destaque para uma maior riqueza nos Neotrópicos, com 88 gêneros e cerca de 3,700 espécies possuindo aproximadamente 384 nomes aceitos para o Nordeste e 329 para o estado da Bahia. Este estudo aborda a distribuição e a diversidade da família Melastomataceae na região de identidade do litoral norte e agreste baiano, uma área caracterizada por uma ampla variedade de relevo, clima e vegetação. A área de estudos compreende o território de identidade Litoral Norte localizado na Bahia que abrange vinte municípios. No período de setembro de 2022 a agosto de 2023, foram realizadas duas coletas mensais. O material foi herborizado e submetido à análise no (HUNEB) Herbário da Universidade do Estado da Bahia - Campus II. Os resultados da pesquisa, baseados em atividades de campo, revelaram uma mudança notável no panorama das ocorrências da família Melastomataceae na região, com a lista de localidades onde a família foi identificada dobrando em relação aos registros anteriores sendo referidas para a área de estudos 16 espécies distribuídas em quatro gêneros. O gênero *Miconia* destacou-se como o mais representativo, abrangendo oito espécies, enquanto *Clidemia hirta* D. Don foi a espécie mais amplamente distribuída, registrada na maioria dos municípios analisados. Por outro lado, o gênero *Pleroma* foi o menos representado, abrigando apenas uma espécie. Para as espécies coletadas no estudo foram realizadas descrições detalhadas, ilustrações e informações sobre a distribuição geográfica, contribuindo para um melhor entendimento da biodiversidade na Bahia.

Palavras-chave: Melastomataceae, Litoral Norte, Biodiversidade

ABSTRACT

The family Melastomataceae currently includes 177 genera and approximately 5,858 species, predominantly in tropical regions worldwide, with a notable richness in the Neotropics, which account for 88 genera and around 3,700 species. The Northeast region of Brazil has approximately 384 accepted names, while the state of Bahia has 329. This study addresses the distribution and diversity of the Melastomataceae family in the coastal and agreste regions of northern Bahia, an area characterized by a wide variety of topography, climate, and vegetation. The study area covers the Litoral Norte Identity Territory of Bahia, encompassing 20 municipalities. Fieldwork was conducted from September 2022 to August 2023, with two collections made monthly. The collected material was herbarium-preserved and analyzed at the Herbarium of the State University of Bahia (HUNEB) - Campus II. The results of the research, based on field activities, revealed a significant change in the occurrence patterns of the Melastomataceae family in the region, with the list of localities where the family was identified doubling compared to previous records. Sixteen species distributed across four genera were reported for the study area. The genus *Miconia* was the most represented, comprising eight species, while *Clidemia hirta* D. Don was the most widely distributed species, recorded in most of the municipalities analyzed. In contrast, the genus *Pleroma* was the least represented, hosting only one species. Detailed descriptions, illustrations, and distribution information for the species collected are provided, contributing to a better understanding of the biodiversity in Bahia.

Keywords: Melastomataceae, Northern Coast, Biodiversity

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE TABELAS

LISTA DE SIGLAS

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
3. METODOLOGIA.....	18
3.2 Caracterização da área de estudo.....	17
3.2 Levantamento de dados e bibliografia.....	18
3.3 Coleta de material botânico.....	19
3.4 Descrição das espécies e consulta a herbários.....	20
3.5 Tratamento taxonômico.....	20
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	21
4.1 Tratamento taxonômico.....	30
4.2 Chave de Identificação para os gêneros de Melastomataceae ocorrentes no Litoral Norte e Agreste Baiano.....	30
4.3 <i>Clidemia</i> D.Don.....	31
4.3.1 Chave de identificação das espécies de <i>Clidemia</i> D. Don. para o Litoral Norte e Agreste Baiano.....	31
4.3.2 <i>Clidemia urceolata</i> DC.....	32
4.3.3 <i>Clidemia capitellata</i> (Bonpl.) D.Don.....	34
4.3.4 <i>Clidemia debilis</i> Crueg.....	36
4.3.5 <i>Clidemia sericea</i> D.Don.....	38

4.3.6	<i>Clidemia</i>	<i>hirta</i>	(L.)
D.Don.....			40
4.4	<i>Miconia</i> Ruiz & Pav.....		43
4.4.1	Chave de identificação das espécies de <i>Miconia</i> Ruiz & Pav. para o Litoral Norte e Agreste		
Baiano.....			44
4.4.2	<i>Miconia alborufescens</i> Naudin.....		45
4.4.3	<i>Miconia ciliata</i> (Rich.) DC.....		47
4.4.4	<i>Miconia amoena</i> Triana.....		50
4.4.5	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Steud.....		52
4.4.6	<i>Miconia minutiflora</i> (Bonpl.) DC.....		55
4.4.7	<i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC.....		57
4.4.8	<i>Miconia fallax</i> DC.....		59
4.4.9	<i>Miconia holosericea</i> (L.) DC.....		61
4.5	<i>Pleroma</i> D.Don.....		60
4.5.1	<i>Pleroma lhotskyanum</i> (C. Presl.)		63
4.6	<i>Pterolepis</i> (DC.) Miq.....		65
4.6.1	Chave de identificação das espécies de <i>Pterolepis</i> (DC.) Miq para o Litoral Norte e Agreste		
Baiano.....			65
4.6.2	<i>Pterolepis glomerata</i> (Rottb.) Miq.....		66
4.6.3	<i>Pterolepis trichotoma</i> (Rottb.) Cogn.....		68
5.	CONSIDERAÇÕES	FINAIS.....	
.....			70
6.	REFERÊNCIAS.....		71

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1-** Mapa de localização dos municípios do território referente ao Litoral Norte e Agreste Baiano.....18
- Figura 2-** Vista de trilhas percorridas durante as coletas; Esplanada e Aramari.....19
- Figura 3-** *Clidemia urceolata* DC. :A- Flor; B- Fruto; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento adaxial; F- Indumento abaxial; G-Hipanto; H- Indumento do hipanto; I- Estame.....33
- Figura 4-** *Clidemia capitellata* (Bonpl.) D.Don : A- Flor; B- Hábito; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento adaxial; F- Indumento abaxial; G-Hipanto; H- Indumento do hipanto; I- Estame.....35
- Figura 5-** *Clidemia debilis* Crueg.: A- Fruto; B- Flor; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento adaxial; F- Indumento abaxial; G-Hipanto; H- Indumento do hipanto; I- Estame.....37
- Figura 6-** *Clidemia sericea* D.Don.: A- Hábito; B- Flor; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento adaxial; F- Indumento abaxial; G-Hipanto; H- Indumento do hipanto; I- Estame.....39
- Figura 7-** *Clidemia hirta* (L.) D.Don; A- Flor; B- Hábito; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento adaxial; F- Indumento abaxial; G-Hipanto; H- Indumento do hipanto; I- Estame.....42
- Figura 8-** *Miconia alborufescens* Naudin: A- Fruto; B- Hábito; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento abaxial; F-Hipanto; G- Estame.....46
- Figura 9-** *Miconia ciliata* (Rich.) DC.: A- Flor, Fruto; B- Hábito; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Hipanto; F- Estame.....49

- Figura 10-** *Miconia amoena* Triana; A- Lâmina foliar; B- Inflorescência; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento abaxial; F-Hipanto; G- Estame.....51
- Figura 11-** *Miconia albicans* (Sw.) Steud.: A- Flor; B- Hábito; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento adaxial e do hipanto; F- Hipanto; G- Estame.....54
- Figura 12-** *Miconia minutiflora* (Bonpl.) DC.: A- Fruto; B- Flor; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Hipanto; F- Indumento do hipanto; G- Estame.....56
- Figura 13-** *Miconia prasina* (Sw.) DC. A- Inflorescência; B- Fruto; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Hipanto; F- Estame.....58
- Figura 14-** *Miconia fallax* DC.: A Inflorescência; B Hábito.....60
- Figura 15-** *Miconia holosericea* (L.) DC. A Fruto; B Lâmina foliar.....62
- Figura 16-** *Pleroma lhotskyanum* (C. Presl.): A- Flor; B- Hábito; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento em ambas as faces; F- Hipanto; G- Indumento do hipanto; H- Estame.....64
- Figura 17-** *Pterolepis glomerata* (Rottb.) Miq. A- Flor; B- Hábito; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento adaxial; F- Indumento abaxial; G-Hipanto; H- Indumento do hipanto; I- Estames.....67
- Figura 18-** *Pterolepis trichotoma* (Rottb.) Cogn. A- Flor; B- Hábito; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento adaxial; F- Indumento abaxial; G-Hipanto; H- Indumento do hipanto; I- Estames.....69

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1:** Checklist de registros preexistentes para o Litoral Norte Bahia, Brasil, baseada nos dados do *speciesLink*.....22
- Tabela 2-** status de ocorrências da família Melastomataceae nos municípios do Litoral Norte, Bahia, Brasil, baseados no *speciesLink*.....25
- Tabela 3-** *Checklist* dos gêneros e espécies de Melastomataceae ocorrentes no Litoral Norte, Bahia Brasil.....27

LISTA DE SIGLAS

APG: The Angiosperm Phylogeny Group

HUNEB: Herbário da Universidade do Estado da Bahia

RMA: Rede de ONGs da Mata Atlântica

SEI: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia

1. INTRODUÇÃO

O Litoral Norte e Agreste Baiano corresponde ao território de identidade localizado na Bahia que abrange vinte municípios: Acajutiba, Alagoinhas, Aporá, Araçás, Aramari, Cardeal da Silva, Catu, Conde, Crisópolis, Entre Rios, Esplanada, Inhambupe, Itanagra, Itapicuru, Jandaíra, Olindina, Ouriçangas, Pedrão, Rio Real e Sátiro Dias. Esse território contempla as mais variadas formas de relevo, clima e vegetação, indo desde remanescentes de florestas ombrófilas até caatinga, com manchas de cerrado e mangues nas regiões litorâneas (EMB 2013).

Com essa variedade abrangente de ecossistemas, não é difícil supor que o Litoral Norte é detentor de uma grande biodiversidade. Segundo SEPLAN (2020-2023) possui 13.594 km² ou (2,4%) do território da Bahia, sendo considerado um dos focos do corredor de Mata Atlântica do Nordeste. Segundo Mata Atlântica uma rede pela floresta (RMA. 2006) esse corredor comporta grande variedade de espécies vegetais e animais, abrigando ainda espécies que estão em risco de extinção, apresentando um alto grau de endemismo (26% a 28% das espécies de vários gêneros).

A família Melastomataceae A.Juss., objeto de estudo desse trabalho, de acordo com Flora e Funga do Brasil (2023) aparece nas mais variadas conformações vegetais, incluindo as que compõem o cenário biogeográfico da Bahia, como Cerrado, Campos Rupestres, Mata Atlântica e Caatinga, com um alto grau de endemismo dentro das principais variações do bioma de mata ombrófila. Fato corroborado pelo recorde mundial de diversidade de plantas lenhosas que apontou aproximadamente 458 espécies de árvores por hectare de floresta (RMA. 2006).

Segundo Ulloa Ulloa, et al. (2022) e Michelangeli et al., (2020) a família Melastomataceae conta, atualmente, com 177 gêneros e cerca de 5858 espécies, em sua maioria em regiões tropicais do globo, com destaque para uma maior riqueza nos Neotrópicos, com 88 gêneros e cerca de 3.700 espécies. De acordo com o Flora e Funga do Brasil (2024) o Brasil possui 70 gêneros e 1496 espécies com aproximadamente 349 nomes aceitos para o estado da Bahia e 407 para o Nordeste.

De acordo com RMA (2006) a Mata Atlântica no Nordeste estendia-se por uma faixa contínua litorânea, do Rio Grande do Norte à Bahia, e em áreas descontínuas nos estados do Ceará e Piauí, sobre chapadas, serras, dunas e vales. Esse domínio fitogeográfico, que atualmente cobre cerca de 2,21% do território nacional (aproximadamente 27.194 km²), enfrentou intensas pressões antrópicas ao longo dos ciclos econômicos da região. Cerca de 46% das áreas remanescentes encontram-se na Bahia, enquanto os demais sete estados abrigam 14.520 km², distribuídos em pequenos fragmentos. Os ciclos econômicos regionais incluíram a exploração de pau-brasil, cana-de-açúcar, ouro, diamantes, café, jacarandá, gado, algodão, cacau e, mais recentemente, a monocultura de eucalipto. Segundo IBF (2024) esse tipo de bioma é constituído de mata ao longo da costa do Brasil, sendo o litoral Brasileiro um grande detentor de áreas remanescentes desses ecossistemas, adquirindo assim importância para a conservação da Mata Atlântica na região.

Turner e Corlett (1996), afirmam que a fragmentação de ecossistemas é uma das mais profundas alterações causadas pelo homem ao meio ambiente. Esse processo resulta na perda de espécies nas comunidades biológicas, devido à perda de hábitat e insularização. Nos trópicos, em particular, a fragmentação tem sido apontada como uma das principais ameaças à biodiversidade, com extinções previstas para as próximas décadas consideradas alarmantes.

Isto posto, e tendo em vista a importância de conhecer para preservar, os trabalhos de levantamento florístico são altamente relevantes quanto a sua utilidade nos processos de demonstração da diversidade de uma área ou região específica. De acordo com Anacleto (2016), esse tipo de trabalho constitui um estudo técnico que visa identificar as espécies vegetais que ocorrem em uma determinada área, além de caracterizar a estrutura da comunidade vegetal e classificar o estágio de sucessão ecológica.

O conhecimento relacionado a família Melastomataceae ainda é limitado, ligado principalmente a monografia de Melastomataceae publicada na Flora brasiliensis ao final do século XIX Cogniaux (1883-1888, apud Goldenberg; Baumgratz; Souza, 2012). Apesar de representado em todos os domínios fitogeográficos do Brasil, os estudos realizados ainda não refletem a real diversidade taxonômica desse grupo no país. Contudo, de acordo com Goldenberg et al., (2012) considerando sua grande diversidade e as lacunas já evidenciadas, projetos com abordagens mais atuais em taxonomia poderão conduzir a construção de uma nova monografia de abrangência nacional sobre a família

Entre os trabalhos mais relevantes para o levantamento florístico da família Melastomataceae estão os realizados por Romero e Martins (2002), Pataro, Romero e Roque (2017), e Jesus, Romero e Roque (2018). Esses estudos abordam diferentes áreas geográficas, como o Parque Nacional da Serra da Canastra, em Minas Gerais, e o município de Mucugê, na Chapada Diamantina, Bahia, não havendo ainda um levantamento relevante que englobe todo território de identidade Litoral Norte.

Então, de acordo com essa relação o presente trabalho tem como objetivo principal realizar o levantamento florístico da família Melastomataceae na região do Litoral Norte, Bahia., além de identificar e descrever as espécies ocorrentes na área em estudo, proporcionando um maior conhecimento e reconhecimento da família dentro da região correspondente.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Martins (2009) Melastomataceae é representada por árvores subarbustos e ervas, raramente lianas ou epífitas, pilosos glutinosos ou glabros, folhas simples decussadas, nervuras acródomas planas, revoluta ou crenada, membranácea a coriácea, inflorescências cimosas laterais ou terminais, raro flores isoladas, apresentando brácteas e bractéolas, flores períginas ou epígenas (3)4-6(-8-10)- meras, pétalas brancas, róseas, violáceas, roxas, púrpuras ou magenta raro vermelhas, amarelas ou bicolores, estames geralmente com número igual ao dobro de pétalas, com anteras poricidas, fruto capsula ou baga, com sementes numerosas, de formas variadas, raro aladas.

Com base no Flora e Funga do Brasil (2024), a Bahia está entre os estados que apresentam o maior número de espécies juntamente com Minas Gerais, sendo ainda a sexta maior família entre as Angiospermas do Brasil quanto ao grau de diversidade de espécies, estando representada principalmente no bioma Mata Atlântica e Cerrado. *Miconia* Ruiz & Pav., *Lenadra* Raddi e *Tibouchina* Aubl. estão entre os trinta gêneros mais diversos de Angiospermas BFG (2015). A família apresenta ainda 988 espécies endêmicas distribuídas em 14 gêneros (Flora e Funga do Brasil, 2024). Isso demonstra como a família possui um alto grau de relevância nos biomas que compõem o cenário vegetacional da Bahia que é composta principalmente com remanescentes de Mata Atlântica e manchas de Cerrado (EMB, 2013).

De acordo com o APG IV, (2017) a família Melastomataceae está segmentada em duas subfamílias são elas Melastomatoideae e Olisbeoideae, a primeira agrupa 16 tribos que são: Kibessieae, Astronieae, Henrietteae, Merianieae, Miconieae, Rhexieae, Microlicieae, Marcetieae, Melatomateae, Bertolonieae, Cambessedesieae, Blakeeae, Cyphostyleae, Trioleneae, Dissochaeteae e Sonerileae, enquanto a segunda compreende apenas os gêneros Mouriri, Votomita e Memecylon, podendo conter Memecylaceae Candolle e Mouririaceae Gardner como sinônimos, famílias que antes eram classificadas como independentes dentro da ordem Myrtales. Contudo trabalhos moleculares demonstraram que gêneros entes pertencentes a essas famílias estavam mais próximos aos gêneros da família Melastomataceae, justificando essa coalisão.

Segundo estudos conduzidos por Guimarães et al. (2019), a complexa taxonomia do gênero *Tibouchina* e seus relacionados na família Melastomataceae teve uma abordagem baseada em informações filogenéticas e morfológicas. Embora o gênero *Tibouchina* não tenha se mostrado monofilético, outros gêneros dentro do clado *Tibouchina* foram identificados como monofiléticos ou quase monofiléticos, indicando uma estrutura taxonômica mais precisa. Como resultado, as espécies anteriormente agrupadas sob o rótulo de *Tibouchina* foram reconhecidas em quatro gêneros distintos: *Andesanthus*, *Chaetogastra*, *Pleroma* e *Tibouchina*.

Assim, o presente levantamento considera o gênero *Pleroma* D. Don como independente, corroborando com a sinonímia apresentada no Flora e Funga do Brasil (2024) para a espécie aqui reconhecidas. Sendo alterada de *Tibouchina lhotzkyana* (C. Presl) Cogn para *Pleroma lhotskyanum* (C. Presl.) Triana. Ainda assim é válido destacar que as alterações das espécies de *Tibouchina* para *Pleroma* ainda está em andamento (Fraga; Guimarães, 2014; Michelangeli et al., 2013).

Judd et al. (2018) afirma que as descrições iniciais do gênero *Clidemia* sofreram da ausência de definição de uma espécie tipo, pois não se tratava de uma exigência na época, assim *C. neglecta* atualmente sinônimo de *C. capitellata* foi definida como tipo por ser a primeira espécie listada no tratamento realizado por Don (1823), contudo caracterizada como inválida por esse motivo. De acordo com Michelangeli et al. (2018), nenhuma solução viável e estável foi encontrada para manutenção do gênero *Clidemia* dentro da tribo Miconieae, portanto a grande maioria dos especialistas começou a adotar a visão de que apenas um gênero, *Miconia*, deveria ser reconhecido na tribo. Contudo, os dados de gênero apresentados no presente estudo consideram a manutenção do gênero *Clidemia* como independente dentro da tribo Miconieae, em consonância com o Flora e Funga do Brasil (2024), sustentados pelo fato de que é um processo em curso.

A família Melastomataceae pode ser facilmente identificada em campo, principalmente pelo tipo de nervação curvinérvea (acródromas), além de possuírem flores vistosas, característica atribuída devido à cor geralmente exuberante e a presença de enormes estames falciformes e com anteras poricidas. Devido a sua grande diversidade, as espécies da família Melastomataceae são muito utilizadas principalmente para ornamentação de espaços públicos, mas também é usada em estudos voltados para aplicação medicinal.

Melastomataceae apresenta uma flora medicinal relativamente pouco conhecida (Cruz & Kaplan, 2004).

3. METODOLOGIA

3.1 Caracterização da área de estudo

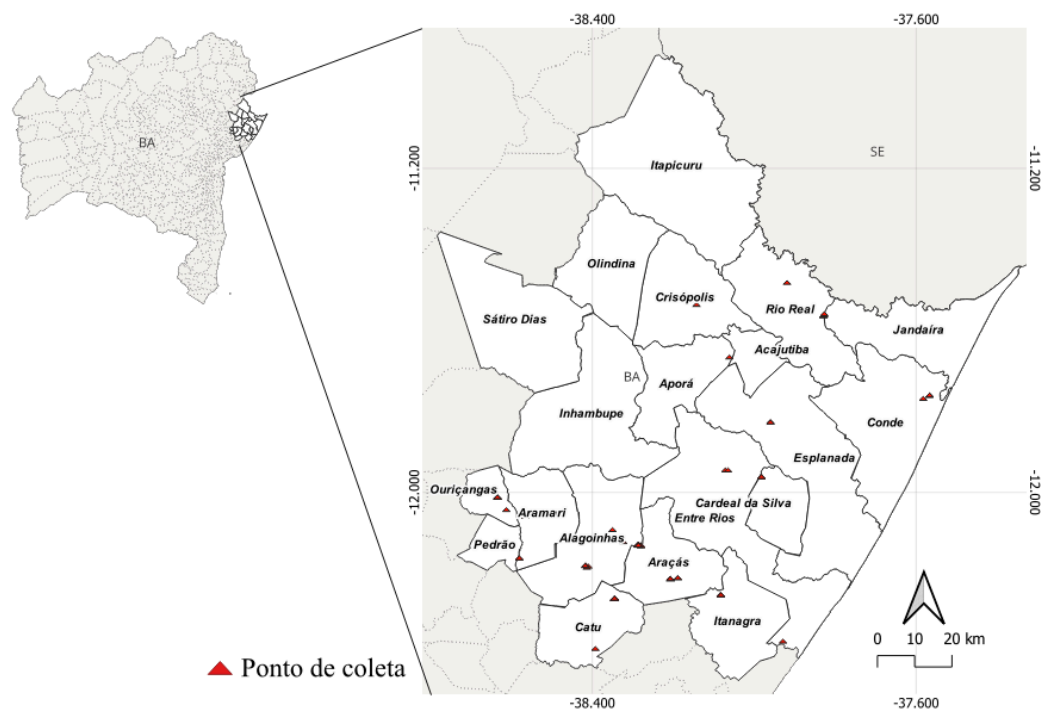
Este estudo foi conduzido no território de identidade do Litoral Norte e Agreste Baiano (Figura 1), uma área definida pela SEPLAN (2020-2023) que abrange os municípios: Acajutiba, Alagoinhas, Aporá, Araçás, Aramari, Cardeal da Silva, Catu, Conde, Crisópolis, Entre Rios, Esplanada, Inhambupe, Itanagra, Itapicuru, Jandaíra, Olindina, Ouriçangas, Pedrão, Rio Real e Sátiro Dias. Essa região abrange uma extensão territorial de 13.594 km², representando cerca de 2,4% do tamanho total do estado da Bahia, e é habitada por uma população que atingiu 554.987 residentes em 2010.

Segundo dados do EMB (2013), a subdivisão Litoral Norte apresenta uma variedade de tipos de clima que refletem suas distintas características geográficas e climáticas. Algumas áreas são caracterizadas por um clima úmido a subúmido, com temperaturas médias anuais de cerca de 23,8 a 24,6°C, acompanhadas por períodos chuvosos entre março e agosto, e pluviosidade anual em torno de 1233,5 a 1831,1 mm. Em contraste, outras regiões experimentam um clima subúmido a seco, com temperaturas médias anuais semelhantes e períodos chuvosos entre fevereiro e agosto, mas com pluviosidade anual mais baixa, variando de 641,9 a 949,9 mm. Há também áreas com clima úmido, que apresentam temperaturas médias anuais de cerca de 24,7°C e período chuvoso de março a agosto, com uma pluviosidade média anual de aproximadamente 1422,3 mm. Por fim, algumas regiões sofrem com um clima semiárido, caracterizado por temperaturas médias anuais em torno de 24,8°C e um período chuvoso que ocorre de fevereiro a agosto, com pluviosidade anual de cerca de 757,9 mm. Essa diversidade climática influencia diretamente a vegetação e as características ambientais do território.

As regiões apresentam uma diversidade notável de tipos de vegetação, abrangendo desde florestas densas, como a Floresta Ombrófila Densa e a Floresta Estacional Semidecidual, até ecossistemas de cerrado e áreas de transição, como os contatos entre Cerrado-Floresta Estacional e Caatinga-Floresta Estacional. Além disso, são encontradas formações pioneiras com influência fluviomarinha e vegetação específica de restingas. Essa

rica variedade de vegetação é influenciada pelas condições climáticas e geográficas diversas das regiões na Bahia, proporcionando habitats variados para a fauna e destacando a biodiversidade única dessas áreas (EMB 2013).

Figura 1- Mapa de localização dos municípios do território referente ao Litoral Norte e Agreste Baiano



Fonte: autor da pesquisa

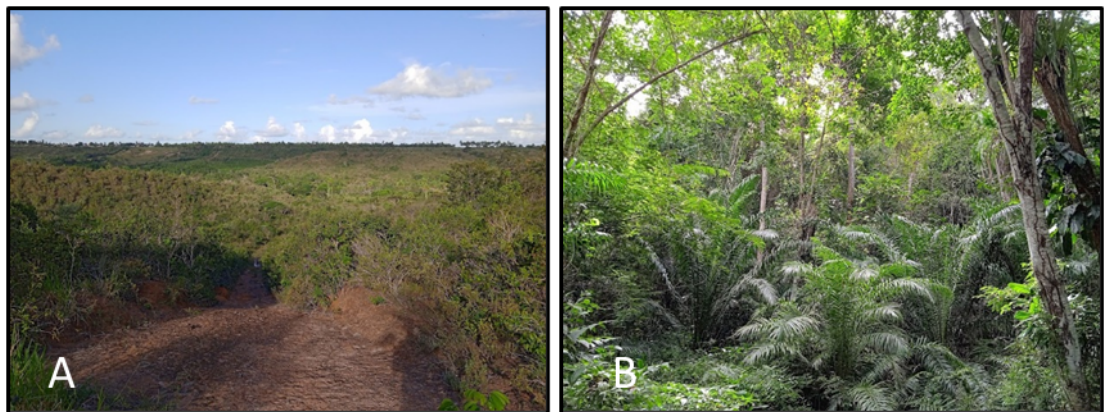
3.2 Levantamento de dados e bibliografia

Foi realizado um amplo levantamento com o objetivo de compilar uma bibliografia de referência abrangente sobre a família Melastomataceae, utilizando as principais fontes disponíveis para consulta *online*, como *Scielo*, *Google Acadêmico* e *Sci-Hub*. Além disso, foram coletados dados de bibliografia correlacionada e acessados trabalhos já realizados sobre essa família em diversas regiões do país, para o levantamento dos registros já ocorrentes para a região foram utilizados dados da plataforma *speciesLink*. A partir dessas informações, foi criado um banco de referências dedicado à família Melastomataceae, facilitando assim consultas futuras e a elaboração de novos dados.

3.3 Coleta de material botânico

No período de setembro de 2022 a agosto de 2023, foram realizadas duas coletas mensais em trilhas preestabelecidas, seguindo a metodologia de Filgueiras et al. (1994). As áreas de coleta foram selecionadas com base na observação e análise de imagens aéreas acessadas através do Google Maps e Google Earth (Figura 2). Foram utilizadas tesouras de poda e podões, e coletores para coletar até 5 ramos férteis de cada indivíduo ao longo das trilhas, além de flores e frutos em separado armazenados em álcool 70%. O material coletado foi herborizado de acordo com as técnicas convencionais propostas por Mori et al. (1989) e, posteriormente, incorporado ao acervo do HUNEB (Herbário da Universidade do Estado da Bahia).

Figura 2- Vista de trilhas percorridas durante as coletas; A-Esplanada; B-Aramari.



Fonte: Arquivo pessoal

3.4 Descrição das espécies e consulta a herbários

O material foi submetido à análise no HUNEB (Herbário da Universidade do Estado da Bahia) - Campus II. O acervo deste herbário foi utilizado como recurso primário para consulta e para estudos preliminares de familiarização com o objeto de estudo. Os espécimes coletados foram fotografados e examinados quanto ao seu hábito, coloração e outros dados ecológicos gerais do ambiente em que foram encontrados, que poderiam se perder durante o processo de herborização. As descrições morfológicas iniciais foram realizadas diretamente no campo e, posteriormente, complementadas com o uso de material preservado em estado úmido. Para esta complementação, foram utilizadas ferramentas como lâminas para realizar cortes e lentes de aumento para melhor observação de estruturas diminutas, juntamente com papel milimetrado auxiliando nas medições. Todo o material foi descrito, incluindo a documentação das estruturas florais por meio de fotografias.

3.5 Tratamento taxonômico

Para identificação das espécies, foram utilizadas chaves de identificação disponíveis na literatura especializada presente em trabalhos realizados por Renato Goldenberg (2012). e no acervo online da Flora e Funga do Brasil. Além disso, as descrições e imagens contidas no Flora e Funga do Brasil foram consultadas e comparadas com os espécimes coletados. Após a identificação inicial, todas as espécies agrupadas como iguais foram submetidas a uma análise morfológica comparativa entre si, com o objetivo de aumentar a confiabilidade das identificações, incluindo comparações de características macro e microscópicas, bem como a comparação com espécimes previamente herborizados que estavam disponíveis no acervo do HUNEB.

As descrições das espécies foram elaboradas com base em características morfológicas distintas, essenciais para sua identificação e reconhecimento taxonômico. Além disso, uma chave de identificação específica para as espécies de Melastomataceae encontradas na região do Litoral Norte foi desenvolvida para o presente estudo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento de dados realizado para conhecimento da ocorrência da família dentro da zona do Litoral Norte pelo *speciesLink* demonstrou que dos 20 municípios que o integram, apenas sete apresentaram registros de ocorrências para a família Melastomataceae (Tabela 1). Os registros observados ficaram limitados apenas aos municípios Conde, Alagoinhas, Itanagra, Esplanada, Entre Rios, Jandaíra e Catu apresentando registros de ocorrência, com maior representatividade observada em Conde (33), Entre Rios (30), Itanagra (26) e Esplanada (19). Em contrapartida, os municípios de Alagoinhas (9 registros), Jandaíra (7) e Catu (2) apresentaram menor expressividade nos dados coletados.

Foram reconhecidos um total de 13 gêneros *Aciotis* D.Don, *Acisanthera* P.Browne, *Clidemia* D.Don, *Comolia* DC., *Henriettea* DC., *Leandra* Raddi, *Marcetia* DC., *Miconia* Ruiz & Pav., *Mouriri* Aubl., *Nepsera* Naudin, *Pleroma* D.Don, *Pterolepis* (DC.) Miq., *Tibouchina* Aubl. Os mais representativos sendo o gênero *Miconia* com 54 registros válidos, *Clidemia* com 15 spp. e *Pterolepis* com 12 spp. Os registros concentram-se principalmente entre os anos noventa e dois mil, tendo o registro mais antigo datado de 1964 e os mais recentes, de 2014, esse fato revela como o território carecia de mais estudos de levantamento e reconhecimento da família Melastomataceae.

É importante destacar que registros tidos como válidos foram todos aqueles que apresentaram os seus dados catalográficos minimamente úteis com informações como, data, local, número de tomo ou coleta presentes. Com relação a isso foram observadas algumas inconsistências durante a análise, essas que serão mantidas na (Tabela 1) porém podem estar relacionadas a erros de transcrição de dados, e não representam uma mudança significativa, nos valores gerais referentes aos registros para região, contudo os dados foram revisados em via de remover informações duplicadas, ou que não ocorreram efetivamente no território.

Tabela 1: Checklist de registros preexistentes para o Litoral Norte Bahia, Brasil, baseada nos dados do *speciesLink*.

Local	Gênero	Espécies	Ano	Coletores	Número
Conde	<i>Acisanthera</i>	<i>Acisanthera bivalves Cogn.</i>	2011	Gomes, FS; Guedes, ML; Costa, AS	760
		<i>Clidemia biserrata DC.</i>	1996	Ferreira, MC; Jost, T.	874
		<i>Clidemia capitellata (Bonpl.)D.Don</i>	1996	Ferreira, MC; Jost, T; Conceição, AS	1025
	<i>Clidemia</i>	<i>Clidemia debilis Crueg. (2)</i>	1994	Jost, T; et al/Jost, T; Bautista, HP.	17/269
			1996	Jost, T; Bautista, HP.	274
		<i>Clidemia sericea D.Don</i>	2004	M. L. Guedes.	11239
	<i>Comolia</i>	<i>Comolia ovalifolia Triana (4)</i>	1995	Ferreira, MC; Jost, T/Ferreira, MC;	761/1034 /1999/75 1
			1996	Jost, T; Conceição, AS./Jesus, NG	
			2004	de/Gomes, FS; Guedes, ML; Costa,	
			2011	AS.	
	<i>Henrietteae</i>	<i>Henriettea succosa (Aubl.) (3)</i>	1995	Lima, MPM de; et al./Bautista, HP; et al. /Silva, LN; Ferreira, MC.	368/1699 /40
	<i>Leandra</i>	<i>Leandra sp.</i>	2004	Guedes, ML; Gomes, DF; Ana Carla.	11239
	<i>Marcetia</i>	<i>Marcetia ericoides (Spreng.)</i>	2004	Guedes, ML; Gomes, DF; Ana Carla.	11256
		<i>Marcetia taxifolia (A. St.-Hil.) DC</i>	2004	Guedes, M.L.; et al.	11256
	<i>Miconia</i>	<i>Miconia albicans (Sw.) Triana (2)</i>	1995	Jost, T; Bautista, HP./Guedes, ML;	86/21591
			2014	Costa, TF	
		<i>Miconia amoena Triana</i>	1994	Rosas, E; et al	44
		<i>Miconia ciliata (L.C.Rich.) (3)</i>	1994	Rosas, E; et al/Ferreira, MC; Silva,	40/704/3 55
			1995	LN./Jost, T; Bautista, HP.	
	1996	<i>Miconia holosericea (L.) DC.</i>	1995	Lima, MPM de; et al	372
	<i>Mouriri</i>	<i>Mouriri sp.</i>	1996	Ferreira, MC; Jost, T.	1063
		<i>Mouriri pusa Gardner</i>	2011	Gomes, FS; Guedes, ML; Costa, AS.	714
	<i>Pleroma</i>	<i>Pleroma lhotzkyanum (C. Presl) Triana</i>	2014	Guedes, ML; Costa, TF	21611
<i>Pterolepis</i>	<i>Pterolepis glomerata (Rottb.) Miq. (3)</i>	1999	Guedes, ML/Neves, MF; Saar, E;	7406/144 /11264	
		2000	Nascimento, AFS; Ribeiro, T; Lima,		
2004		DS./Guedes, ML; Gomes, DF; Ana Carla			
	<i>Pterolepis sp.</i>	1999	M. L. Guedes	7396	
<i>Tibouchina</i>	<i>Tibouchina urceolaris (DC.) Cong.</i>	2001	Santana, D.L.	655	
	<i>Tibouchina lhotzkyana (C.Presl) Cogn.</i>	2014	Guedes, M.L.; et al.	21611	
Alagoinhas	<i>Comolia</i>	<i>Comolia villosa (Aubl.) Triana</i>	1964	-	-
	<i>Miconia</i>	<i>Miconia albicans (Sw.) Triana</i>	1997	Jesus, NG de; Lima, LCL; Bispo, SJL	4
		<i>Miconia ciliata (L.C.Rich.) DC.(2)</i>	2000	Jesus, NG de.	400/451
		<i>Miconia prasina (Sw.) DC.</i>	2000	Jesus, NG de.	425
	<i>Nepsera</i>	<i>Nepsera aquática Naudin</i>	2001	Jesus, NG de; Santos, AF; Pereira, DC.	483
	<i>Pleroma</i>	<i>Pleroma lhotzkyanum (C. Presl) Triana</i>	1998	Jesus, NG de; Lima, LCL.	148
	<i>Pterolepis</i>	<i>Pterolepis sp.</i>	2007	Jesus, NG de; Melo de Oliveira, JL; Bastos, NG.	2288
	<i>Tibouchina</i>	<i>Tibouchina sp.</i>	2000	Jesus, NG de.	433

Iranagra	<i>Aciotis</i>	<i>Aciotis</i> sp.	1974	Gusmão, EF de.	-
	<i>Acisanthera</i>	<i>Acisanthera uniflora</i> (Vahl) Gleason	2008	Prates, ARS; Guedes, ML.	71
	<i>Clidemia</i>	<i>Clidemia capitellata</i> (Bonpl.) D.Don	2008	Prates, ARS; Guedes, ML.	21
		<i>Clidemia debilis</i> Crueg. (2)	2008 2009	A. Prates, G. J. Pereira & M. S. Silva. /Prates, ARS; Guedes, ML; Gomes, FS.	143/207
	<i>Henrieteae</i>	<i>Henrietea succosa</i> (Aubl.) DC. (3)	2008 2009 2009	Prates, ARS; Guedes, ML/Prates, ARS; Guedes, ML; Gomes, FS./Prates, ARS.	13/225/308
	<i>Miconia</i>	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	2009	Prates, ARS; Guedes, ML; Gomes, FS.	217
		<i>Miconia alborufescens</i> Naudin (2)	2008 2009	Prates, ARS./Prates, ARS; Guedes, ML; Gomes, FS.	218
		<i>Miconia amoena</i> Triana (3)	1974 2008 2009	Gusmão, EF de./Prates, ARS; Pereira, GJC; Silva, MS./ARS; Guedes, ML; Gomes, FS.	- /155/293
		<i>Miconia ciliata</i> (L.C.Rich.) DC. (2)	1974 2008	Gusmão, EF de./Prates, ARS; Pereira, GJC; Silva, MS.	-/184
		<i>Miconia ibaguensis</i> (Bonpl.) Triana	2009	Prates, ARS; Guedes, ML; Gomes, FS.	227
		<i>Miconia minutiflora</i> (Bonpl.) DC.	2008	Prates, ARS; Pereira, GJC; Silva, MS.	144
		<i>Miconia mirabilis</i> (Aubl.) L.O. Williams	2009	Prates, ARS; Guedes, ML; Gomes, FS.	228
		<i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC. (2)	2009 2009	Prates, ARS; Guedes, ML; Gomes, FS.	229/193
		<i>Miconia</i> sp.	2009	Prates, ARS; Guedes, ML; Gomes, FS.	215
		<i>Miconia stenostachya</i> DC.	2009	A. Prates, M. L. Guedes & F. S. Gomes.	-
<i>Nepsera</i>	<i>Nepsera aquática</i> Naudin	2008	Prates, ARS; Guedes, ML	20	
<i>Pterolepis</i>	<i>Pterolepis glomerata</i> (Rottb.) Miq. (2)	2008 2008	Prates, ARS; Guedes, ML./Prates, ARS.	59/126	
Esplanada	<i>Clidemia</i>	<i>Clidemia hirta</i> (L.) D.Don	2000	Jesus, NG de; Saar, E; Nascimento, AFS; Ribeiro, T; Fagundes, M; Andrade-Lima, D.	925
	<i>Henrieteae</i>	<i>Henrietea succosa</i> (Aubl.) DC. (2)	2005 2005	Freire, L; Guedes, ML./Freire, L; Guedes, ML; Alves, L. de J.	83/39
	<i>Marcetia</i>	<i>Marcetia taxifolia</i> (A.St.-Hil.) DC.	2009	Paz, J.R.L. da.	5
	<i>Miconia</i>	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana (4)	1996 1996 2005 2011	Jost, T; Ferreira, MC. /Jost, T; Ferreira, MC./Freire, L; Guedes, ML; Alves, L. de J./Gomes, FS; Guedes, ML; Costa, AS.	216/299/ 4/785
		<i>Miconia amoena</i> Triana (2)	2005 2011	Freire, L; Guedes, ML; Alves, L. de J./Gomes, FS; Guedes, ML; Costa, AS.	43/797
		<i>Miconia dodecandra</i> (Desr.) Cogn.	2005	Freire, L; Guedes, ML.	44
		<i>Miconia ferruginata</i> DC.	2000	Guedes, ML; Fonseca, MR; Jesus, NG de; Nascimento, AFS; Ribeiro, T; et al.	7358
		<i>Miconia holosericea</i> (L.) DC. (3)	1995 1996 2001	Ferreira, MC; Jost, T./Bautista, HP; Jost, T./Gomes, FS; Guedes, ML; Costa, AS.	739/1769/ /790
		<i>Miconia minutiflora</i> (Aubl.) DC.	2012	Gomes, F.S.	1078
		<i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC.	2012	Guedes, ML; Gomes, FS.	19405
	<i>Pleroma</i>	<i>Pleroma urceolare</i> (Schrank & Mart. ex DC.) Triana	2011	Gomes, FS; Guedes, ML; Costa, AS.	831
<i>Tibouchina</i>	<i>Tibouchina urceolaris</i> (Schrank & Mart. ex DC.)	2009	Paz, J.R.L. da.	8	

Entre Rios	<i>Aciotis</i>	<i>Aciotis rubricaulis</i> (Mart. ex DC.) Triana	2001	M. L. Guedes.	9263
		<i>Aciotis annua</i> (Mart. ex DC.) Triana	2001	Guedes, ML; Silva, LB da.	9263
	<i>Clidemia</i>	<i>Clidemia capitellata</i> (Borpl) D.Don (2)	1998 1998	Jesus, NG de; Guedes, ML; Fonseca, MR./Jesus, NG de, Santos, JB dos, Santos, IS.	0545/545
		<i>Clidemia debilis</i> Crueg (2)	1998 1998	Jesus, NG de, Santos, JB dos, Santos, IS /Fonsêca, MR.	279/279
		<i>Clidemia hirta</i> (L.) D.Don	2009	Roque, N; Oliveira, RB; Teixeira, SR; Alves, M.	2220
	<i>Comolia</i>	<i>Comolia ovalifolia</i> Triana (2)	1982	Bautista, HP, Araújo, A, Pinto, GCP;	676/6010
			1998	Arouck /Guedes, ML; Fonseca, MR, Jesus, NG de, Jorge, MAS.	
	<i>Henrieteae</i>	<i>Henrietea</i> sp.	1999	Jesus, N.G.	799
			1996	Jesus, NG de, Lima, SF; Santos, JB dos./Jesus, NG de, Jorge, AMS; Santana, I	18/83/95/799
			1997		
			1999		
	<i>Leandra</i>	<i>Leandra</i> sp.	1998		
	<i>Miconia</i>	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana (2)	1996	Guedes, ML; Accioly, J, et al/Roque, N; Oliveira, RB; Teixeira, SR; Alves, M	3861/2540
			2009		
		<i>Miconia amoena</i> Triana (2)	1996	Guedes, ML; Accioly, J, et al/Roque, N; Oliveira, RB; Teixeira, SR; Alves, M	3862/2577
			2009		
		<i>Miconia ciliata</i> (L.C.Rich) DC (3)	1986 2009 2009	Pinto, GCP, Bautista, HP /Roque, N; Oliveira, RB; Teixeira, SR; Alves, M	10/2455/2501
	<i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC.	1998	Fonsêca, MR.	287	
	<i>Miconia</i> sp. (2)	1996 1997	Jesus, N.G.	33/168	
	<i>Pleroma</i>	<i>Pleroma candolleana</i> (Mart. ex DC.) Triana	1996	Jesus, NG de.	25
1996			Jesus, NG de, Lima, SF.	25	
<i>Pterolepis</i>	<i>Pterolepis glomerata</i> (Rottb.) Miq. (2)	2001	Fonseca, MR; Silva, MCR./Guedes, ML; Nascimento, AFS; Santana, DL.	14/8996	
		2001			
<i>Pterolepis trichotoma</i> (Rottb.) Cogn.	1998	Jesus, NG de, Jorge, AMS; Silva, MCR.	595		
Jandaira	<i>Comolia</i>	<i>Comolia ovalifolia</i> (DC.) Triana (2)	2012 2014	Gomes, SF, et al/Gomes, FS; Guedes, ML; Kelmo, F;	1308/1308
		<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	2011	Gomes, FS; Guedes, ML; Costa, AS.	641
	<i>Miconia</i>	<i>Miconia amoena</i> Triana	2011	Gomes, FS; Guedes, ML; Costa, AS	667
		<i>Miconia minutiflora</i> (Borpl) DC.	2012	Gomes, FS; Guedes, ML.	1078
	<i>Pterolepis</i>	<i>Pterolepis polygonoides</i> (DC.) Triana (2)	2012 2014	Gomes, SF, et al	1338/1338
Cau	<i>Miconia</i>	<i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC.	2004	Arrparo, EL.	-
		<i>Miconia tomentosa</i> D. Don	2004	Antunes, JAO; et al	-

Fonte: Dados da pesquisa

Foram realizadas um total de 88 coletas únicas referentes a família Melastomataceae durante o período de um ano nos municípios (Tabela 2). Mesmo que a base de dados usada para registrar as ocorrências possa estar desatualizada, esse número ainda reflete a ausência de pesquisas na área. Quando comparado com os pouco mais de 100 registros acumulados na base de dados desde a década de 60 até o presente, fica ainda mais evidente a escassez de informações sobre a família Melastomataceae na área. Isso ressalta a urgente necessidade de investir em pesquisas contínuas para obter uma compreensão completa da biodiversidade na região.

Tabela 2- status de ocorrências da família Melastomataceae nos municípios do Litoral Norte, Bahia, Brasil, baseados no *speciesLink*.

Município	Número de registros	Número de novos registros
Acajutiba	0	0
Alagoinhas	9	27
Aporá	0	0
Araçás	0	8
Aramari	0	5
Cardeal da Silva	0	4
Catu	2	12
Conde	33	5
Crisópolis	0	2
Entre Rios	30	2
Esplanada	19	2
Inhambupe	0	0
Itanagra	26	7
Itapicuru	0	0
Jandaíra	7	6
Olindina	0	0
Ouriçangas	0	5
Pedrao	0	2
Rio Real	0	1
Sátiro Dias	0	0

Fonte: Dados da pesquisa

Após as atividades de campo, ocorreu uma mudança significativa no panorama das ocorrências da família de plantas em relação ao número de municípios onde ela foi identificada. A lista de localidades onde a família poderia ser encontrada dobrou (Tabela 2). Durante as visitas de campo, foi registrado um total de 16 espécies distribuídas em 4 gêneros, abrangendo 14 dos 20 municípios da área de estudo (Tabela 3).

Tabela 3- Checklist dos gêneros e espécies de Melastomataceae ocorrentes no Litoral Norte, Bahia Brasil

Tribo	Gênero	Espécie	Localidade	
Miconieae	<i>Clidemia</i>	<i>C. capitellata</i> (Bonpl.) D.Don	Alagoinhas; Araçás; Itanagra; Catu	
		<i>C. debilis</i> Crueg.	Alagoinhas; Cardeal da Silva; Catu	
		<i>C. hirta</i> (L.) D.Don	Alagoinha; Araçás; Aramari; Cardeal da Silva; Conde; Crisópolis; Entre Rios; Esplanada; Itanagra; Jandaíra; Pedrão; Rio Real; Catu	
		<i>C. sericea</i> D.Don	Ouriçangas; Itanagra; Alagoinhas	
		<i>C. urceolata</i> DC.	Alagoinhas; Arçás; Conde; Catu	
	<i>Miconia</i>	<i>M. albicans</i> (Sw.) Steud.	Alagoinhas; araças ; Ouriçangas; aramari; jandaíra; Cardeal da Silva; Entre Rios; Conde; Itanagra; Catu	
		<i>M. alborufescens</i> Naudin	Ouriçangas; Aramari	
		<i>M. amoena</i> Triana	Alagoinhas; Ouriçangas	
		<i>M. ciliata</i> (Rich.) DC.	Alagoinhas; Ouriçangas; jandaíra ; Esplanada; Cardeal da Silva; Araçás; Conde; Itanagra; Catu	
		<i>M. fallax</i> DC.	Alagoinhas	
		<i>M. holosericea</i> (L.) DC.	Catu	
		<i>M. minutiflora</i> (Bonpl.) DC.	Alagoinhas	
		<i>M. prasina</i> (Sw.) DC.	Alagoinhas	
		Melastomateae	<i>Pterolepis</i>	<i>P. glomerata</i> (Rottb.) Miq.
	<i>P. trichotoma</i> (Rottb.) Cogn.			Alagoinhas; Catu
<i>Pleroma</i>	<i>P. lhotskyanum</i> (C. Presl.) Triana		Alagoinhas	

Fonte: Dados da Pesquisa.

O gênero *Miconia* Ruiz & Pav. foi o mais bem representado, abrigando um total de 8 espécies. Além disso, a espécie mais comum, *Clidemia hirta* (L.) D. Don foi encontrada em impressionantes 13 dos 14 municípios investigados. Por outro lado, o gênero *Pleroma* D. Don foi o menos representado, e também abrigou a espécie menos frequentemente observada, *P. lhotskyanum* (C. Presl.) Triana, com apenas um único registro no município de Alagoinhas.

Não houve registros de coleta em seis dos municípios investigados, a saber: Acajutiba, Aporá, Inhambupe, Itapicuru, Olindina e Sátiro Dias. No entanto, a ausência de coletas nessas localidades não necessariamente indica que as espécies da família Melastomataceae não estejam presentes nesses locais, mas sim que os registros foram limitados pela abrangência da pesquisa.

Esses resultados destacam a necessidade de uma análise mais aprofundada das razões por trás da falta de registros nesses municípios, que podem incluir fatores geográficos, ambientais ou até mesmo processos de degradação em curso. Essa informação, além disso, destaca a importância de futuras pesquisas e visitas adicionais a esses locais para uma compreensão mais completa da distribuição e ecologia da família Melastomataceae nas diferentes cidades do Território de Identidade.

A coleta de dados em municípios como Araçás, Aramari, Cardeal da Silva, Crisópolis, Ouriçangas, Pedrão e Rio Real, que anteriormente não dispunham de registros, revelam a importância da continuação das pesquisas e do monitoramento desses locais. Também levanta questões sobre as condições ambientais e os fatores que permitem a sobrevivência e a adaptação dessas plantas em ambientes tão diversos. Além disso, a conservação da biodiversidade nessas regiões pode se tornar uma prioridade, à medida que novos dados sobre a presença das espécies se tornam disponíveis. Essas descobertas realçam a dinâmica complexa da distribuição das plantas na região de estudo e enfatizam a necessidade contínua de pesquisa e proteção da biodiversidade local.

Durante a condução das coletas e observações de campo, juntamente com as análises, foi possível observar variações morfológicas expressivas nos espécimes coletados, variações referentes a densidade de indumento encontrado nas lâminas foliares como observado em *Miconia ciliata*, ou no tamanho foliar que não estavam relacionadas ao estágio de crescimento, isto é, em lâminas completamente desenvolvidas como em *Clidemia hirta* e *M. albicans* que apresentaram grandes divergências no seu tamanho, essas variações já puderam ser observadas dentro da família Melastomataceae, como aponta Castro (2015), e podem ter elevados graus de variação foliar como também interferência do solo como aponta Gardoni, Isaias e Vale (2007).

4.1 Tratamento taxonômico

Melastomataceae Juss., Gen. Pl. [Jussieu] 328 (1789), nom. cons.

A família Melastomataceae apresenta uma grande diversidade de hábitos de crescimento, incluindo principalmente arbustos e subarbustos, mas também membros que podem ser grandes árvores e ervas. Um dos caracteres diagnósticos mais distintivos dessa família é a disposição das folhas, que são opostas e decussadas, ou seja, estão dispostas em pares nas hastas, com cada par posicionado em ângulos retos em relação ao par anterior. Além disso, as folhas geralmente exibem uma venação curvinérvea, onde as nervuras principais seguem uma curva em forma de arco em direção à margem da folha com nervuras secundárias transversais. Possuem indumento muito variado, inflorescência cimosas ou racemosas axilares ou terminais com flores diclamídeas dialipétalas hermafroditas, tetrâmeras e pentâmeras, com pétalas de ápice agudo acuminado ou obtuso. Podem ser reconhecidas também por suas flores vistosas, que frequentemente exibem cores exuberantes. Os estames dessas flores são notavelmente grandes e têm anteras poricidas, em forma de foice geralmente diplostêmones ou oligostêmones iguais entre si ou maiores e sua prefloração, varia entre as espécies, sendo algumas introrsas, pressionadas contra o estigma, e outras extrorsas, posicionadas de forma oposta às sépalas. Essas características tornam a família bastante distinta, é amplamente distribuída em regiões tropicais e subtropicais ao redor do mundo, conhecida tanto por sua diversidade de formas e tamanhos quanto por sua importância na ecologia e sua popularidade em jardins ornamentais devido à beleza de suas flores (Martins, 1984; Barroso, 1984).

4.2 Chave de Identificação para os gêneros de Melastomataceae coletados no Litoral Norte e Agreste Baiano

- 1 Folhas com ambas as faces glabras ou apenas a face abaxial com indumento.....*Miconia*.
- 1'Folhas com ambas as faces apresentando indumento.....2.
- 2 Pétalas com margem inteira.....*Clidemia*.
- 2' Pétalas com margem ciliada.....3.
- 3 Flores pentâmeras.....*Pleroma*.

3' Flores tetrâmeras.....*Pterolepis*.

4.3 *Clidemia* D. Don, Mem. Wern. Nat. Hist. Soc. 4(2): 284, 306 (1823).

Ervas, arbustos, cipós, raramente árvores pequenas. **Folhas** isomórficas, dimórficas, raramente alternadas. **Inflorescências** axilares ou pseudolaterais, Bractéolas caducas ou persistentes. **Flores** 4-5(-8) meras as, diplostêmones, raramente, pleiostêmones. Estames isomórficos a subulados. Ovários 3-5 (-6) locular, parcialmente inferos. **Fruto** baga. (Michelangeli, 2015)

4.3.1 Chave de identificação das espécies de *Clidemia* D. Don. para o Litoral Norte e Agreste Baiano

1 Flores tetrâmeras caulinares, sesses ou em verticilaster
.....2.

1' Flores pentâmeras em inflorescências desenvolvidas
.....3.

2 Lâmina bulada, hipanto densamente piloso, pecíolo >9 mm.....*Clidemia debilis*.

2' Lâmina plana, hipanto tomentoso, pecíolo <8 mm.....*Clidemia sericea*.

3 Conectivo com apêndice dorsal.....*Clidemia hirta*.

3' Conectivo inapendiculado.....4.

4 Hipanto com tricomas predominantemente tectores.....*Clidemia capitata*.

4' Hipanto com tricomas predominantemente glandulares.....*Clidemia ureceolata*.

4.3.2 *Clidemia urceolata* DC., Prodr. [A. P. de Candolle] 3: 158 (1828).

Figura 3.

Arbusto ca. 0,90 m alt. **Ramos** cilíndricos pilosos tomentosos; entrenós 4-6 cm compr. **Folhas** pecioladas 1-3 cm compr.; lâmina elípticas 9-12 x 4-6 cm; ápice agudo; base arredondada; margem denteada, hirto-ciliada; textura membranácea; face adaxial, tricomas escabros; face abaxial, pilosos a glandulares; 5 nervuras. **Inflorescência** dicásio axilar. **Flores** pentâmeras; pedicelo 0,5-1 cm compr.; hipanto campanulado 0,6 x 0,5 cm; indumento glandular, hirto; sépalas livres 0,2 x 0,2 cm; pétalas brancas 0,6 x 0,4 cm, ápice arredondado, base sésil, margem inteira; 10 estames isomórficos; filetes brancos 0,3 cm compr.; tecas brancas 0,3 cm compr.; conectivo curto inapendiculado; estilete branco 0,7 cm compr.; estigma não capitado; ovário 5-locular 0,2 x 0,2 cm. **Fruto** baga roxa, hirto, escabro, 0,1 x 0,1 cm; cálice persistente; sementes numerosas < 0,1 cm.

Material examinado: Brasil, Bahia; Alagoinhas/Rio Branco, 09/05/2022, COSTA, M.V.F, 7, HUNEB; Alagoinhas/Exército, 27/02/2023, COSTA, M.V.F, 26, HUNEB; Aracás, 29/05/2023, COSTA, M.V.F, 69, HUNEB; Conde, 27/06/2023, COSTA, M.V.F, 71, HUNEB; Catu/Fazenda Taboca, 02/09/2023, COSTA, M.V.F, 85, HUNEB; Catu/Fazenda Taboca, 02/09/2023, COSTA, M.V.F, 92, HUNEB.

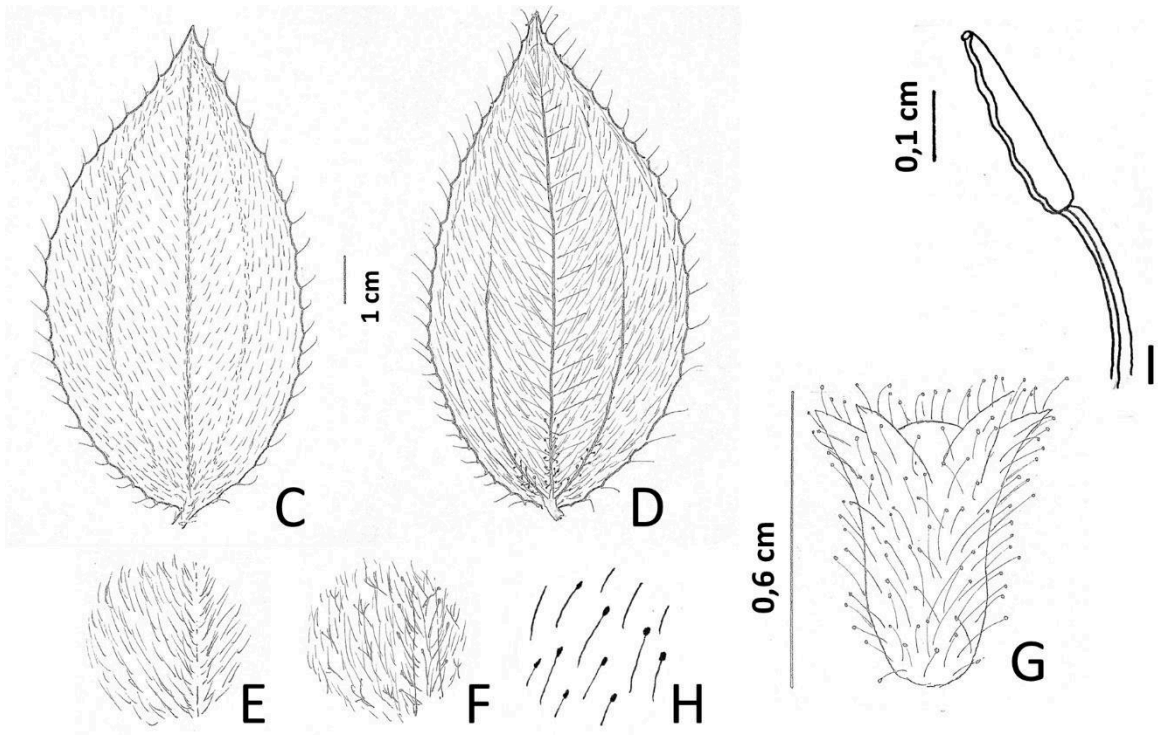
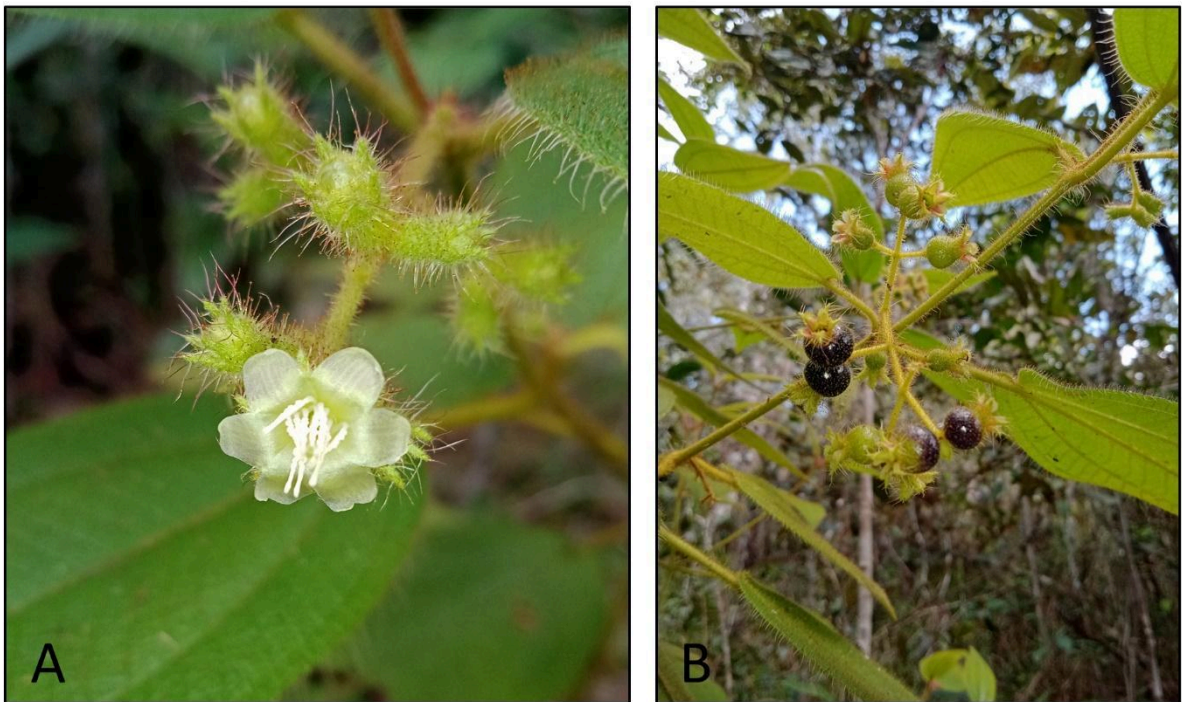
Comentário: *Clidemia urceolata* DC. é nativa não endêmica ocorrendo predominantemente em ambientes sombreados ou em bordas de mata, frequentemente formando populações expressivas que dominam os locais em que se estabelecem ou coabitam com *Clidemia capitellata* (Bonpl.) D.Don. As duas espécies podem ser encontradas juntas, o que pode

ocasionar dificuldades na coleta e identificação. *C. urceolata* distingue-se de *C. capitellata* pela maior densidade de indumento glandular presente nos ramos e no cálice.

Distribuição: Norte (Amazonas, Pará) Nordeste (Bahia, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí) Centro-Oeste (Distrito Federal, Mato Grosso do Sul) Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) Sul (Paraná, Santa Catarina)

Status: NE

Figura 3- *Clidemia urceolata* DC. :A- Flor; B- Fruto; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento adaxial; F- Indumento abaxial; G-Hipanto; H- Indumento do hipanto; I- Estame.



Fonte: dados do autor

4.3.3 *Clidemia capitellata* (Bonpl.) D.Don, Mem. Wern. Nat. Hist. Soc. 4(2): 307 (1823).

Figura 4.

Arbusto ca.1,5 m alt. **Ramos** cilíndricos hisurtos, lauginosos; entrenós 3-4 cm compr. **Folhas** pecioladas 0,5- 1 cm; lâmina ovada 5-8 x 2,5-4 cm; ápice agudo; base arredondada; margem serreada hirto-ciliadas; textura membranácea; face adaxial escabra; face abaxial estrelados; hirto adpressos; 5 nervuras. **Inflorescência** espiga axilar. **Flores** pentâmeras; pedicelo 0,4-0,2 cm compr.; hipanto campanulado 0,6 x 0,5 cm lanuginosos; sépalas livres 0,2 x 0,2 cm; pétalas brancas 0,2 x 0,2 cm; ápice arredondado; base séssil; margem inteira; 10 estames isomórficos; filetes brancos; 0,3 cm compr.; tecas brancas 0,3 cm compr.; conectivo curto inapendiculado; estilete branco 0,5 cm compr.; estigma capitado; ovário 5-locular 0,2 x 0,2 cm. **Fruto** não observado.

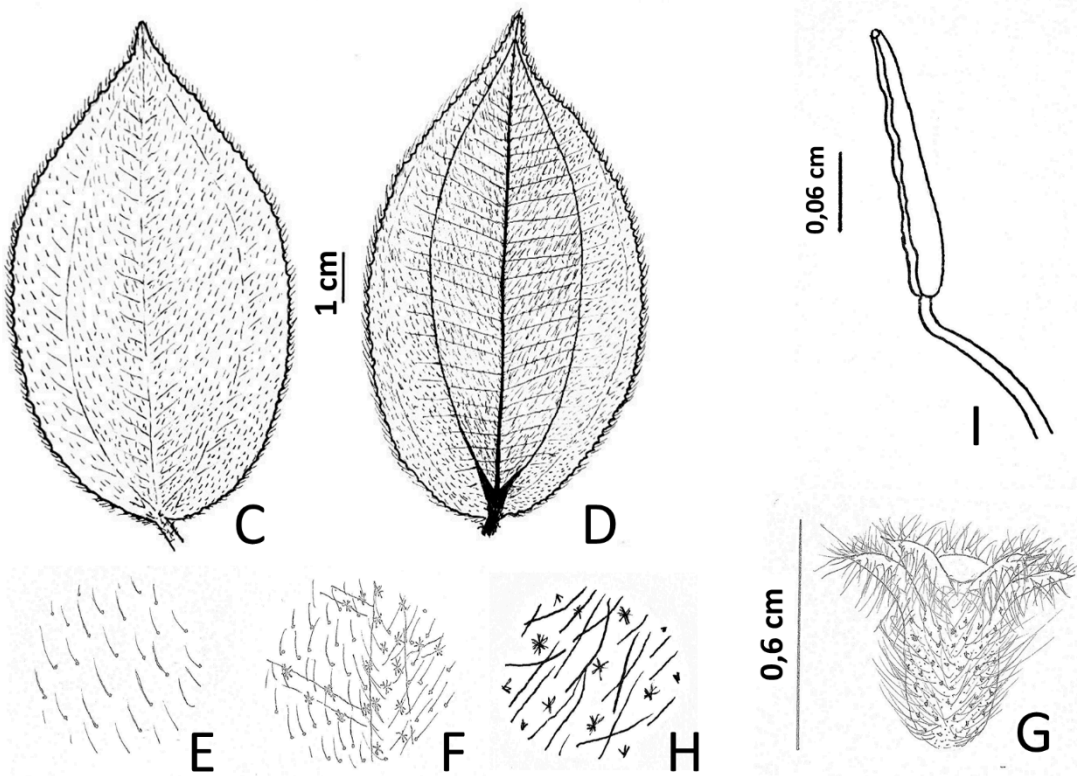
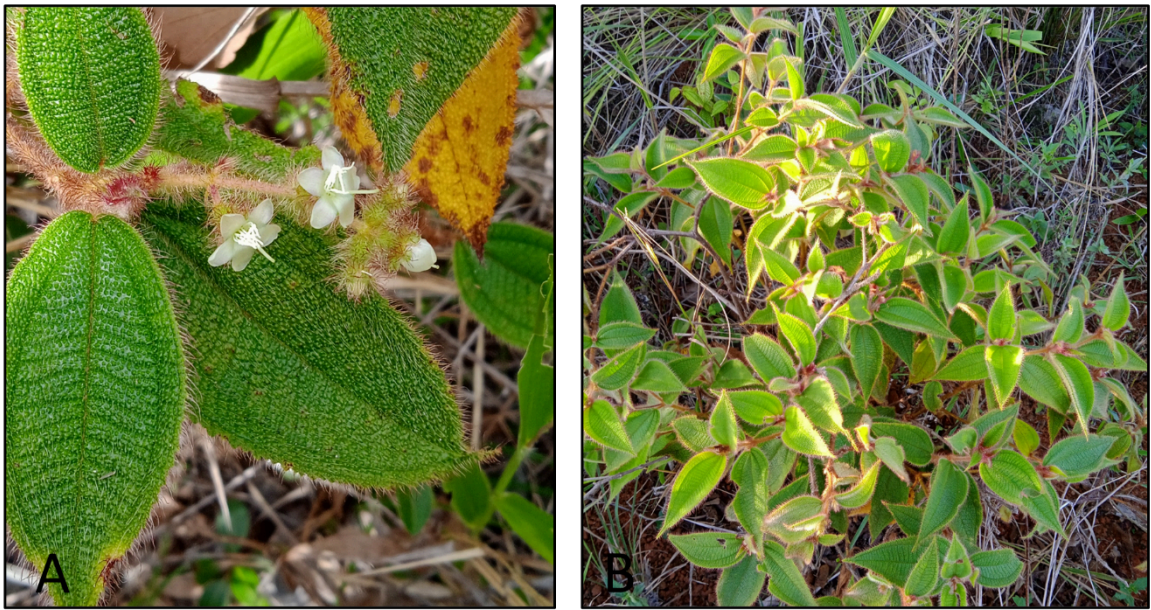
Material examinado: Brasil, Bahia; Alagoinhas/Rio Branco, 29/09/2022, COSTA, M.V.F, 20, HUNEB; Aracás, 27/03/2023, COSTA, M.V.F, 35, HUNEB; Aracás, 27/03/2023, COSTA, M.V.F, 38, HUNEB; Itanagra, 27/06/2023, COSTA, M.V.F, 78, HUNEB; Alagoinhas/UNEB, 06/07/2023, COSTA, M.V.F, 83, HUNEB; Catu/Fazenda Taboca, 02/09/2023, COSTA, M.V.F, 90, HUNEB.

Comentário: *Clidemia capitellata* (Bonpl.) D.Don é nativa não endêmica, morfologicamente semelhante a *Clidemia urceolata* DC., distinguindo-se principalmente pela presença de pubescência densa nos pecíolos de folhas jovens e no hipanto. Além disso, pode apresentar tricomas glandulares, embora em menor densidade quando comparada a *C. urceolata*. Outra característica distintiva é a coloração avermelhada observada nos ramos jovens.

Distribuição: Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins) Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe) Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso) Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo)

Status: NE

Figura 4- *Clidemia capitellata* (Bonpl.) D.Don : A- Flor; B- Hábito; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento adaxial; F- Indumento abaxial; G-Hipanto; H- Indumento do hipanto; I- Estame.



Fonte: dados do autor

4.3.4 *Clidemia debilis* Crueg., Linnaea 20(1): 104 (1847).

Figura 5.

Arbusto ca. 1,5 m alt. **Ramos** cilíndricos pubescentes; entrenós 5-3 cm compr. **Folhas** pecioladas 1-3 cm compr.; lâmina elíptica, romboide 3-8 x 3-6, cm; ápice agudo; base atenuada; margem denteada hirto-ciliada; textura membranácea; face adaxial tricomas escabros; face abaxial pilosos; 5 nervuras. **Inflorescência** verticilastro. **Flores** tetrâmeras sésseis; hipanto campanulado 0,4 x 0,3 cm piloso; sépalas livres 0,2 x 0,1 cm; pétalas brancas 0,2 x 0,2 cm, ápice arredondado; base sésil; margem inteira; 8 estames isomórficos; filetes rosas 0,3 cm compr.; tecas roxas 0,3 cm compr.; conectivo curto; ovário 3-locular 0,1 x 0,1 cm; estilete branco 0,7 cm compr.; estigma capitado. **Fruto** baga roxa pilosa, 0,7 x 0,7 cm; cálice persistente; sementes numerosas menores que 0,1 cm.

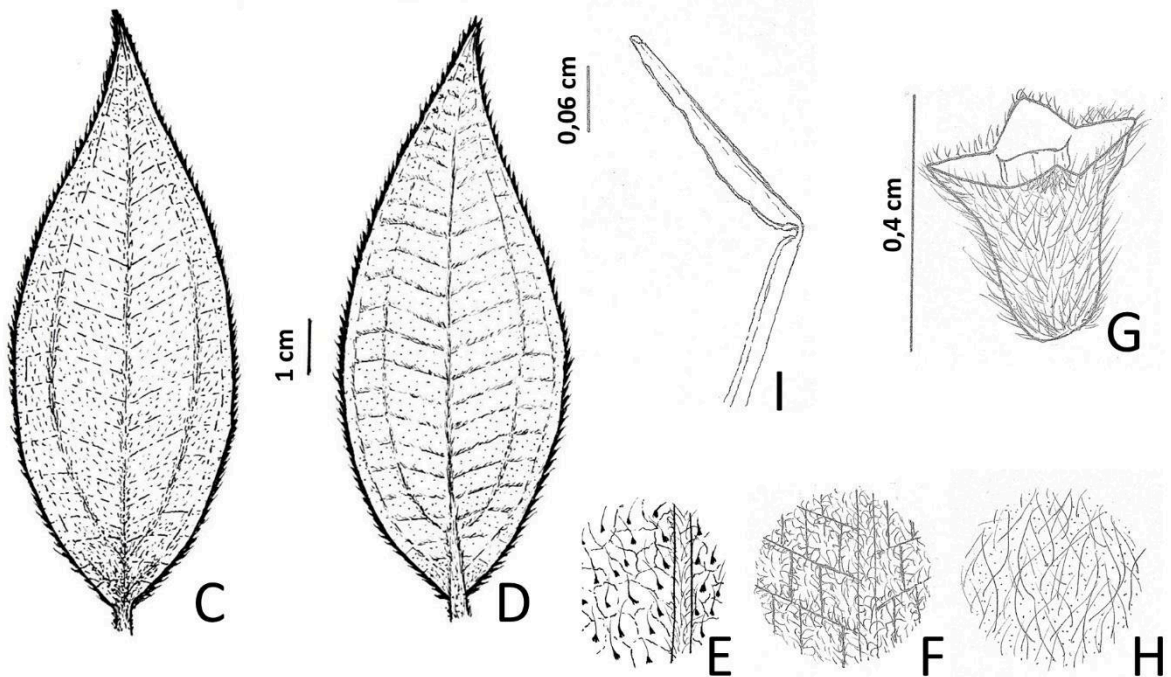
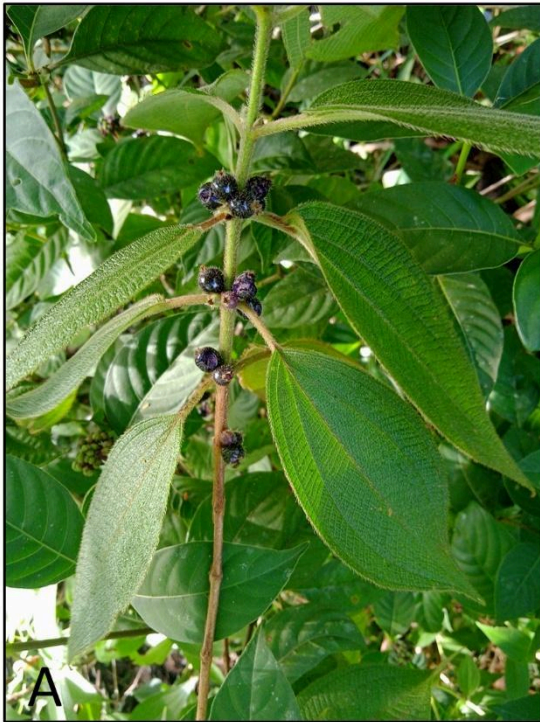
Material examinado: Brasil, Bahia; Alagoinhas/Rio Branco, 09/05/2022, COSTA, M.V.F, 11, HUNEB; Alagoinhas/Rio Branco, 29/09/2022, COSTA, M.V.F, 23, HUNEB; Cardeal da Silva, 29/05/2023, COSTA, M.V.F, 64, HUNEB; Catu/Fazenda Taboca, 02/09/2023, COSTA, M.V.F, 89, HUNEB.

Comentário: *Clidemia debilis* Crueg. É nativa não endêmica, e pode ser encontrada com facilidade em clareiras ou bordas de mata. Apresenta uma filotaxia oposta cruzada, o que a torna facilmente reconhecível na vegetação, especialmente pelos frutos de coloração roxa a preta, localizados rentes ao caule nas axilas foliares. Na face abaxial da lâmina foliar, é possível observar um padrão característico de emergência de indumento, com a distribuição predominante a partir das nervuras principais.

Distribuição: Norte (Amazonas) Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Pernambuco) Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro)

Status: NE

Figura 5- *Clidemia debilis* Crueg.: A- Fruto; B- Flor; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento adaxial; F- Indumento abaxial; G-Hipanto; H- Indumento do hipanto; I- Estame.



Fonte: dados do autor

4.3.5 *Clidemia sericea* D.Don, Mem. Wern. Nat. Hist. Soc. 4: 309 (1823).

Figura 6.

Arbusto ca.0,5 m alt. **Ramos** cilíndricos tomentosos; entrenós ca. 1,5 cm compr. **Folhas** pecioladas 0,8 cm compr.; lâmina ovada 5-7 x 3-5 cm; ápice atenuado; base arredondada; margem denteada pilosa; textura cartácea; face adaxial escabra; face abaxial velutina; 5 nervuras. **Inflorescência** verticlauster. **Flores** tetrâmeras sésseis; hipanto campanulado; tomentoso, 0,5 x 0,4 cm; sépalas tomentosas livres, 0,2 x 0,1 cm; pétalas brancas, 0,3 x 0,3 cm; ápice cuspidado; base subcordada; margem inteira; 8 estames isomórficos; filetes brancos 0,4 cm compr.; tecas roxas 0,5 cm compr.; conectivo curto apendiculado; ovário 3-locular 0,2 x 0,2 cm; estilete branco 1,1 cm; estigma não capitado. **Fruto** preto, baga tomentosa, 0,7 x 0,7 cm; cálice persistente; sementes numerosas 0,1 x 0,1 cm.

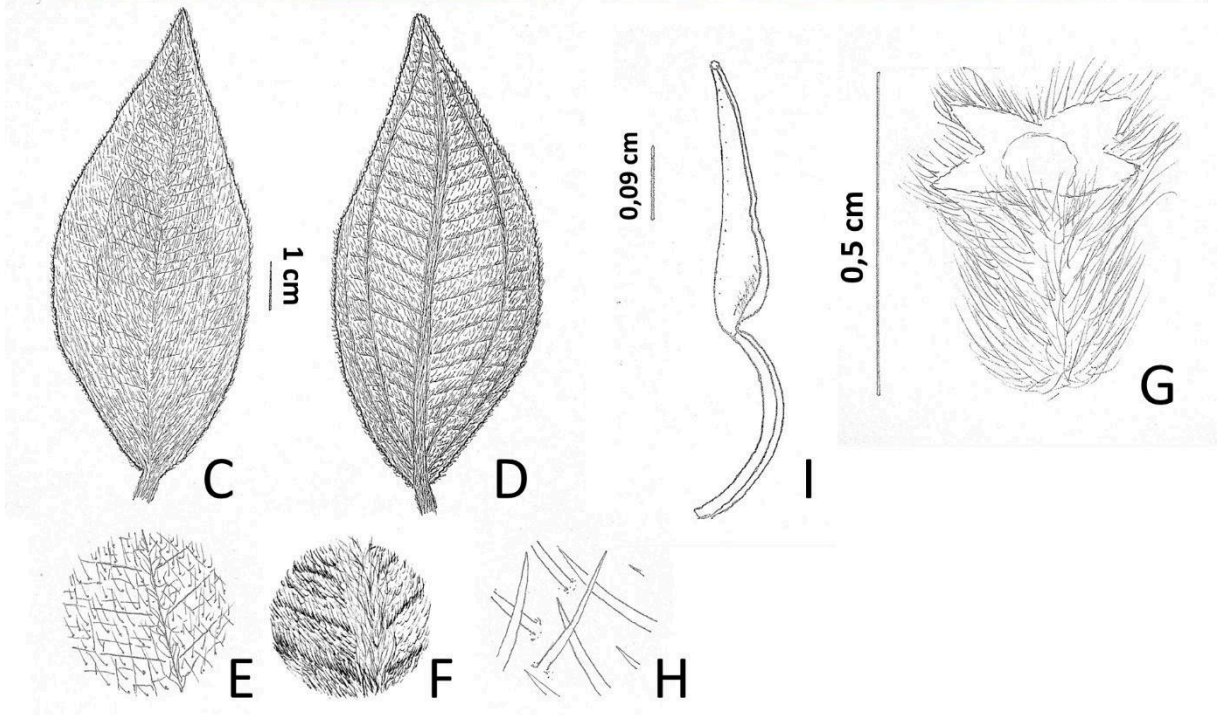
Material examinado: Brasil, Bahia; Ouricangas, 10/04/2023, COSTA, M.V.F, 45, HUNEB; Itanagra, 27/06/2023, COSTA, M.V.F, 80, HUNEB; Alagoinhas/UNEB, 06/07/2023, COSTA, M.V.F, 84, HUNEB; Catu/Fazenda Taboca, 02/09/2023, COSTA, M.V.F, 88, HUNEB; Catu/Fazenda Taboca, 02/09/2023, COSTA, M.V.F, 94, HUNEB.

Comentário: *Clidemia sericea* D.Don é nativa não endêmica, corre em bordas de mata, geralmente formando populações pequenas e pouco expressivas. Apresenta-se comumente prostrada ao solo, com a parte superior erguendo-se para fora das áreas sombreadas.

Distribuição: Norte (Amazonas, Amapá, Pará, Roraima, Tocantins) Nordeste (Alagoas, Bahia, Pernambuco, Sergipe) Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso) Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro)

Status: NE

Figura 6- *Clidemia sericea* D.Don.: A- Hábito; B- Flor; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento adaxial; F- Indumento abaxial; G-Hipanto; H- Indumento do hipanto; I- Estame.



Fonte: dados do autor

4.3.6 *Clidemia hirta* (L.) D.Don, Mem. Wern. Nat. Hist. Soc. 4(2): 309 (1823).

Figura 7.

Arbusto ca.0,8 m alt. **Ramos** cilíndricos hisurtos; entrenós 4-7 cm comp. **Folhas** pecioladas 1-2 cm; lâmina elíptica 2-4 x 4-6 cm; ápice acuminado; base subcordada; margem denteada, hirta; textura membranácea; face adaxial escabro, estrigosa; face abaxial pilosos; 5 nervuras, com indumento estrelados, estrigoso. **Inflorescências** racemosas axilares. **Flores** pentâmeras; pedicelo 0,2 cm; hipanto urceolado indumento glandular 0,5 x 0,4 cm; sépalas livres 0,3 x 0,1 cm; pétalas brancas 1 x 0,4 cm; ápice arredondado; base séssil; margem inteira glabra; 10 estames isomórficos; filetes brancos, 0,9 cm compr.; tecas brancas 0,6 cm compr.; conectivo curto, apendiculado dorsalmente. Ovário 5-locular, 0,2 x 0,2 cm; estilete creme 1 cm de compr.; estigma não capitado. **Fruto** baga, preto, hirta, 1 x 1 cm; cálice persistente piloso; sementes numerosas < 0,1 x 0,1 cm; tricomas estrelados.

Material examinado: Brasil, Bahia; Alagoinhas/Rio Branco, 09/05/2022, COSTA, M.V.F, 9, HUNEB; Crisópolis/Parque do Ribeiro, 27/03/2023, COSTA, M.V.F, 30, HUNEB; Aporá, 27/03/2023, COSTA, M.V.F, 32, HUNEB; Aracás, 27/03/2023, COSTA, M.V.F, 34, HUNEB; Aracás, 27/03/2023, COSTA, M.V.F, 37, HUNEB; Aramari, 10/04/2023, COSTA, M.V.F, 46, HUNEB; Aramari, 10/04/2023, COSTA, M.V.F, 47, HUNEB; Pedrão, 10/04/2023, COSTA, M.V.F, 51, HUNEB; Pedrão, 10/04/2023, COSTA, M.V.F, 52, HUNEB; Jandaíra, 08/05/2023, COSTA, M.V.F, 54, HUNEB; Jandaíra, 08/05/2023, COSTA, M.V.F, 55, HUNEB; Rio Real, 08/05/2023, COSTA, M.V.F, 59, HUNEB; Esplanada, 08/05/2023, COSTA, M.V.F, 60, HUNEB; Cardeal da Silva, 29/05/2023, COSTA, M.V.F, 63, HUNEB; Entre Rios, 29/05/2023, COSTA, M.V.F, 66, HUNEB; Estrada para Intanagra, 27/06/2023, COSTA, M.V.F, 75, HUNEB; Catu/Fazenda Taboca, 02/09/2023, COSTA, M.V.F, 93, HUNEB.

Comentário: *Clidemia hirta* (L.) D.Don é nativa não endêmica, pode ser encontrada em ambientes altamente sombreados e úmidos, tanto em bordas de mata quanto em áreas de mata fechada. Apresenta variações no desenvolvimento foliar em função das condições ambientais. Na face abaxial da lâmina foliar, as nervuras são adornadas por tricomas pilosos e estrelados, que emergem exclusivamente das nervuras principais e secundárias, sendo que os tricomas estrelados estão restritos às nervuras principais.

Distribuição: Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins) Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe) Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso) Sudeste (Espírito

Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) Sul (Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina)

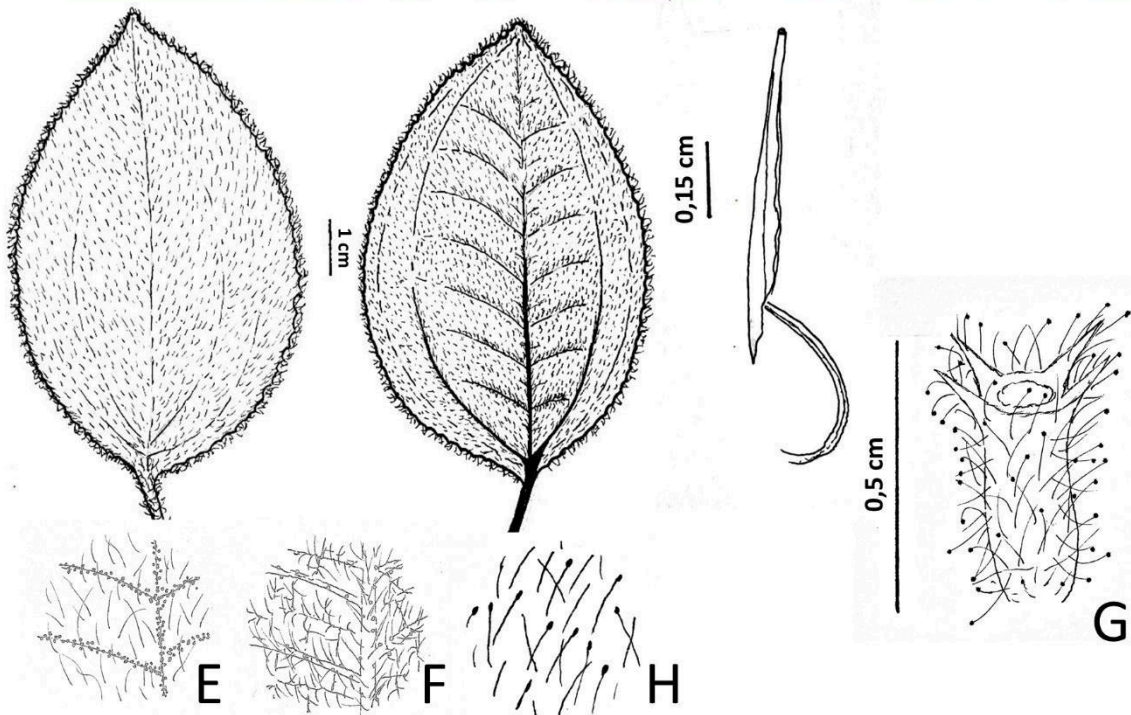
Status: NE

A presença notável da *Clidemia hirta* (L) D. Don em 13 dos 14 lugares visitados, onde a família Melastomataceae ocorre pode ser plausivelmente associada de acordo com Pereira (2003), à sua característica de pioneira, uma vez que essa espécie é conhecida por sua capacidade de colonizar e prosperar em ambientes fragmentados ou perturbados. Fator que pode ser explicado por tratamentos de autogamia, geitonogamia e xenogamia realizados por Ferreira, Antonio e Jansen (1994), onde ocorreram fecundações com taxas de 80, 100 e 100%, respectivamente. Essa adaptação é particularmente relevante nos remanescentes da Mata Atlântica, uma vez que muitas dessas áreas sofreram efeitos entrópicos, como desmatamento e fragmentação. A presença frequente da *Clidemia hirta* nessas regiões pode desempenhar um papel crucial na dinâmica desses ecossistemas em sucessão.

Figura 7- *Clidemia hirta* (L.) D.Don; A- Flor; B- Hábito; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento adaxial; F- Indumento abaxial; G-Hipanto; H- Indumento do hipanto;

I-

Estame.



Fonte: dados do autor

4.4 *Miconia* Ruiz & Pav., Fl. Peruv. Prodr. 60 (1794), nom. cons.

Arbusto, árvore raro subarbusto. **Folhas** opostas e verticiladas, venação acródroma. **Inflorescências** determinadas terminais ou pseudo-axilares, formando panículas e panículas de cimeiras uníparas escorpioides, panícula de glomérulos e ainda espiciformes. **Flores** 5-6 meras reunidas em glomérulos hipanto campanulado a cilíndrico, cálice simples ou duplo, em geral regularmente lobado e usualmente com lacínias externas pouco conspícuas, persistente ou caduco. **Frutos** bacáceos de cor enegrecida. Sementes numerosas, piramidais, elípticas ou esféricas (Goldenberg, 2000; Goldenberg et al. 2020).

4.4.1 Chave de identificação das espécies de *Miconia* Ruiz & Pav. para o Litoral Norte e Agreste Baiano

1 Folhas sésseis ou com pecíolo < que 0,8 cm.....*M. fallax.*

1' Folhas com pecíolo >0,9 cm.....2.

2 Fruto baga, cálice caduco.....*M. holosericea.*

2' Fruto baga, cálice persistente.....3.

3 Lâmina foliar com margem hirto-ciliada, conectivo na base das tecas inapendiculado, estames rosa a roxo.....*M. ciliata.*

3' Lâmina foliar com margem inteira glabra, conectivo na base das tecas provido de algum apêndice, estames brancos, cremes ou amarelos.....4.

4 Apêndice dorsal em forma de dente solitário.....5.

4' Apêndice ventral lobado ou de outras formas.....6.

5 Lâmina ovada, margem repanada, face abaxial aracnoide, face adaxial glabra ou flocosa.....*M. alborufences.*

5' Lâmina lanceolada, margem inteira ambas as faces glabras.....*M. minutiflora.*

6 Estames com apêndice em forma de saia na base das tecas, lâmina foliar <10 cm.....*M. albicans.*

6' Estames com apêndices em par, lâmina foliar >12 cm.....7.

7 Ovário 4-ocular, sementes numerosas superior a 9.....*M. prasina.*

7'Ovário 3-locular, 9 sementes.....*M. amoena*.

4.4.2 *Miconia alborufescens* Naudin, Ann. Sci. Nat., Bot. sér. 3, 16(2): 160 (1850).

Figura 8.

Arbusto ca.1,5 m atl. **Ramos** cilíndricos glabros; entrenós 6-9 cm compr. **Folhas** pecioladas 1-1,5 cm compr.; lâmina ovada 6-11 x 4- 7,5 cm; ápice atenuado; base cordada; margem repanada glabra; textura coriácea; face adaxial glabra, flocosa; face abaxial velutino, aracnoide; 5 nervuras. **Inflorescência** dicásio terminais. **Flores** pentâmeras; pedicelo 0,2 cm compr.; hipanto campanulado 0,3 x 0,3 cm; indumento estrelado; sépalas livres 0,1 x 0,2 cm; pétalas brancas 0,3 x 0,2 cm; ápice lobado; base séssil; margem inteira;10 estames isomórficos; filetes brancos 0,4 cm compr.; tecas brancas 0,3 cm; conectivo curto apendiculado dente dorsal; ovário 3-locular 0,2 x 0,2 cm; estilete branco 0,5 cm; estigma não capitado. **Fruto** baga, roxa, indumento estrelado 0,6 x 0,6 cm; cálice persistente; 12 sementes 0,2 x 0,1 cm.

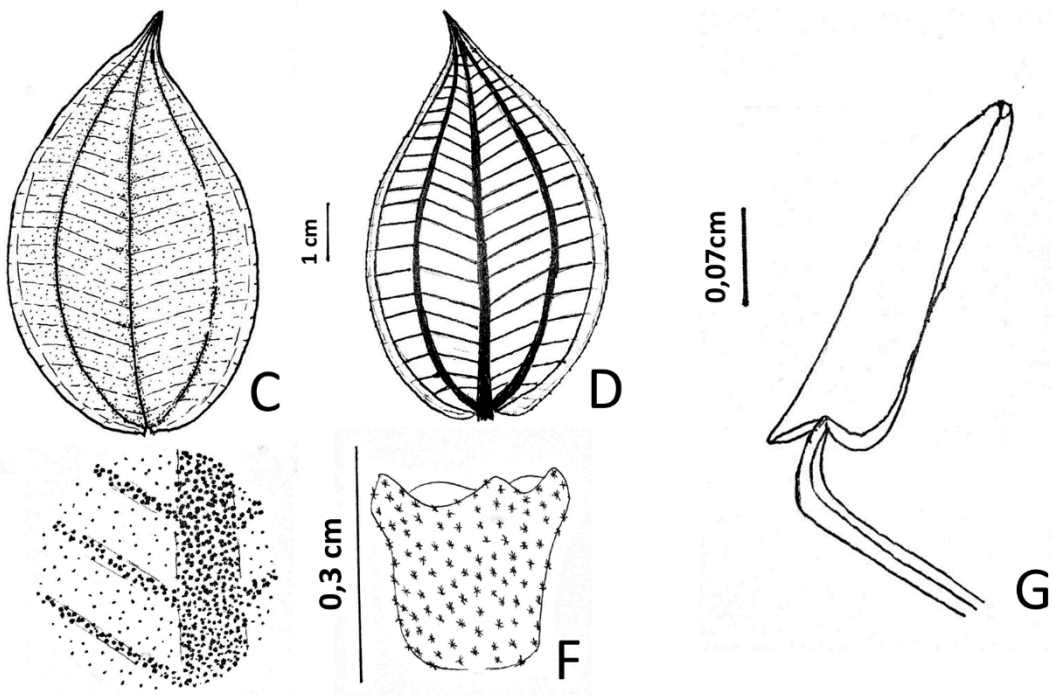
Material examinado: Bahia, Brasil: Ouricangas, 10/04/2023, Costa, M.V.F., 40 HUNEB; Aramari, 10/04/2023, Costa, M.V.F., 49 HUNEB.

Comentário: *Miconia alborufescens* Naudin é nativa não endêmica, ocorre em locais pouco sombreados ou nas bordas de mata. O indumento seríceo, mencionado anteriormente, é observado apenas nos ramos superiores mais jovens, sendo facilmente removido com o mais leve toque. As lâminas foliares mais antigas apresentam-se completamente glabras.

Distribuição: Norte (Amazonas, Pará, Roraima, Tocantins) Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará) Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso) Sudeste (Minas Gerais)

Status: NE

Figura 8- *Miconia alborufescens* Naudin: A- Fruto; B- Hábito; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento abaxial; F-Hipanto; G- Estame.



Fonte: dados do autor

4.4.3 *Miconia ciliata* (Rich.) DC., Prodr. [A. P. de Candolle] 3: 179 (1828).

Figura 9.

Arbusto ca.1,2 m alt. **Ramos** tetragonais sulcado piloso; entrenós 2-4 cm compr. **Folhas** pecioladas 1-2 cm compr.; lâmina ovada a elíptica 2-5 x 9-12 cm; ápice agudo; base subcordada; margem serrada hirto-ciliada; textura coriácea; face adaxial geralmente glabra, quando pilosa, seríceo-pilosa; face abaxial com tricomas estrigosos espaçados; 5 nervuras, 3 impressas, de onde emergem a maior parte do indumento. **Inflorescência** em dicásios terminais. **Flores** pentâmeras; pedicéolo as vezes indistinguível 0,1 cm; hipanto urceolado 0,3 x 0,3 cm; glabro; sépalas não definíveis; pétalas rosas 0,3 x 0,3 cm; ápice retuso; base sésil; margem inteira, glabra; 10 estames isomórficos; filetes roxos 0,3 cm compr.; tecas roxas 0,2 cm compr.; conectivo curto inapendiculado < 0,1 cm compr.; estilete roxo 0,3 cm compr.; estigma capitado; ovário 3-locular 0,2 x 0,2 cm. **Fruto** baga, roxa, glabras 0,6 x 0,5 cm; cálice persistente; sementes numerosas >0,1 cm.

Material examinado: Brasil, Bahia; Alagoinhas/Rio Branco, 27/06/2022, COSTA, M.V.F, 12, HUNEB; Alagoinhas/Rio Branco, 18/07/2022, COSTA, M.V.F, 14, HUNEB; Alagoinhas/Rio Branco, 02/09/2022, COSTA, M.V.F, 15, HUNEB; Alagoinhas/Exército, 27/02/2023, COSTA, M.V.F, 27, HUNEB; Alagoinhas/Exército, 27/02/2023, COSTA, M.V.F, 28, HUNEB; Ouricangas, 10/04/2023, COSTA, M.V.F, 42, HUNEB; Jandaíra, 08/05/2023, COSTA, M.V.F, 58, HUNEB; Esplanada, 08/05/2023, COSTA, M.V.F, 61, HUNEB; Cardeal da Silva, 29/05/2023, COSTA, M.V.F, 65, HUNEB; Aracás, 29/05/2023, COSTA, M.V.F, 68, HUNEB; Conde, 27/06/2023, COSTA, M.V.F, 72, HUNEB; Conde, 27/06/2023, COSTA, M.V.F, 74, HUNEB; Itanagra, 27/06/2023, COSTA, M.V.F, 79, HUNEB; Catu/Fazenda Taboca, 02/09/2023, COSTA, M.V.F, 86, HUNEB; Catu/Fazenda Taboca, 02/09/2023, COSTA, M.V.F, 91, HUNEB.

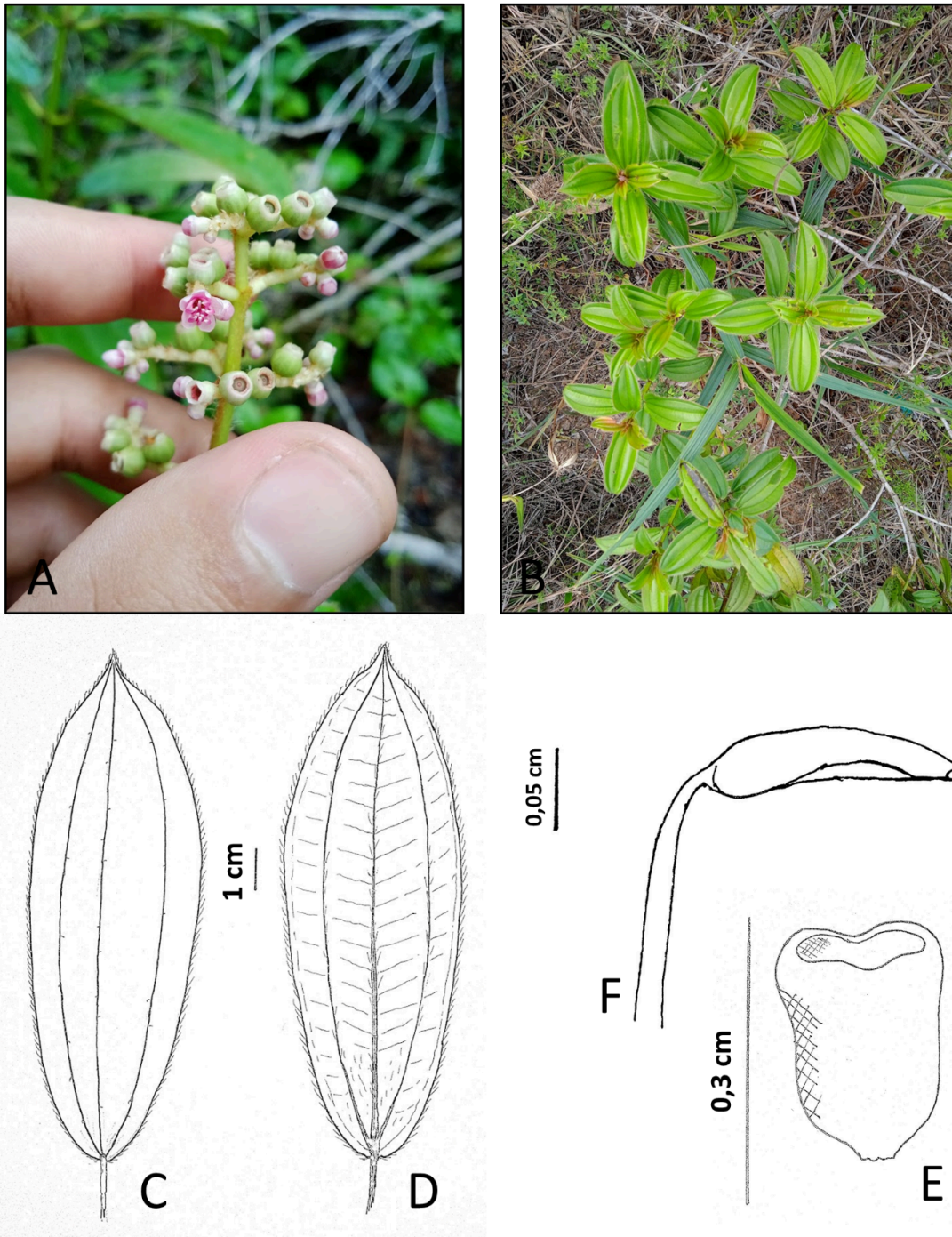
Comentário: *Miconia ciliata* (Rich.) DC. é nativa não endêmica, não apresenta sépalas bem definidas, possuindo lóbulos diminutos no cálice. Os tricomas das margens exibem um aspecto avermelhado, especialmente no pecíolo, onde tendem a se concentrar. Além disso, foi observada uma diferença morfológica entre os tricomas das margens e os presentes na lâmina foliar. **Status:** NE

Distribuição: Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins) Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe) Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso) Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais)

Status: NE

Miconia ciliata (Rich.) DC. estava presente em 9 dos 14 locais amostrados geralmente solitárias e raramente com populações que ultrapassassem 3 indivíduos. Melo e Machado (1998) afirmam que *M. ciliata* é considerada uma espécie autoincompatível, o que significa que não pode se fertilizar com seu próprio pólen. Esse fato levanta a questão sobre como essa espécie mantém sua presença no ambiente. No entanto, de acordo com os mesmos autores, a pequena quantidade de flores ou inflorescências que estão abertas em um determinado dia pode induzir o polinizador a visitar um maior número de flores entre diferentes indivíduos da mesma espécie. Esse comportamento promove a fecundação cruzada, que é benéfica para a variabilidade genética dentro da população. Assim, a persistência de *M. ciliata* é atribuída a suas estratégias de reprodução que superam as restrições da autoincompatibilidade, envolvendo a colaboração de polinizadores que incentivam a fecundação cruzada.

Figura 9- *Miconia ciliata* (Rich.) DC.: A- Flor, Fruto; B- Hábito; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Hipanto; F- Estame.



Fonte: dados do autor

4.4.4 *Miconia amoena* Triana, Trans. Linn. Soc. London 28(1): 115.

Figura 10.

Arvore ca.4 m atl. **Ramos** cilíndricos a ovais glabros; entrenós 4-14 cm. **Folhas** pecioladas 1,5-3 cm; lâmina elíptica 31-12 x 9-7 cm; ápice cuspidado; base aguda; margem repanada; textura coriácea; face adaxial glabra; face abaxial velutina; 3 nervuras. **Inflorescência** dicásio terminal. **Flores** pentâmeras; pedicelo < 0,1 cm compr.; hipanto campanulado 0,4 x 0,3 cm; indumento velutino; sépalas livres inconspícuas < 0,1 x 0,1 cm; ápice obtuso; base séssil; margem inteira; pétalas brancas 0,4 x 0,3 cm; ápice truncado; base decorrente; margem inteira; 10 estames isomórficos; filetes brancos 0,5 cm compr.; tecas marrons 0,3 cm compr.; conectivo curto apendiculado; ovário 3-locular < 0,2 x 0,2 cm; estilete banco 0,8 cm compr.; estigma não capitado. **Fruto** baga, roxa, velutina 0,5 x 0,5 cm; cálice persistente; 9 sementes 0,2 x 0,1 cm.

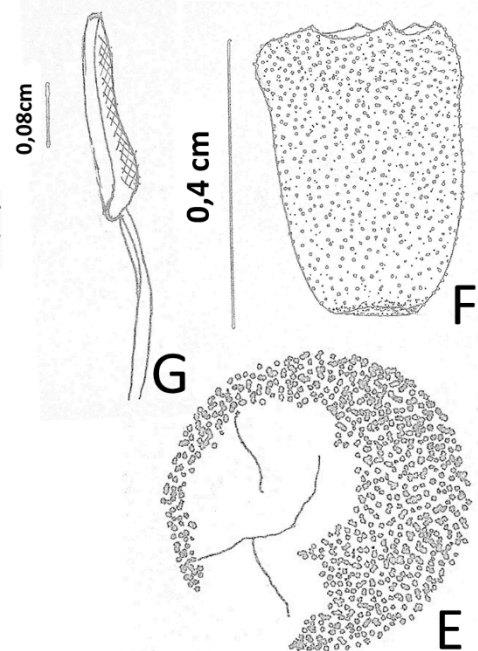
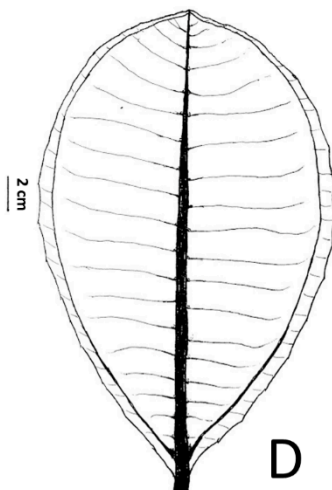
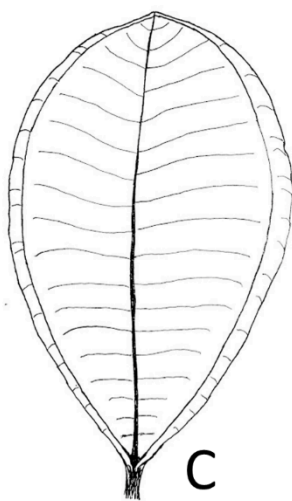
Material examinado: Brasil, Bahia; Alagoinhas/Rio Branco, 27/06/2022, COSTA, M.V.F, 13, HUNEB; Alagoinhas/Rio Branco, 29/09/2022, COSTA, M.V.F, 21, HUNEB; Alagoinhas/Rio Branco, 29/09/2022, COSTA, M.V.F, 22, HUNEB; Ouricangas, 10/04/2023, COSTA, M.V.F, 41, HUNEB.

Comentário: *Miconia amoena* Triana é nativa e endêmica de Mata Atlântica, encontrada em bordas de mata e em áreas de mata fechada. Apresenta a maior lâmina foliar entre as espécies descritas no presente trabalho. Seus ramos exibem achatamentos característicos próximos às inflorescências e entumecimentos ao longo do caule, características que podem atrair animais mirmeecófilos. Em alguns casos, pode-se observar um processo flocoso ou farinhoso de coloração ferrugínea nas folhas jovens.

Distribuição: Nordeste (Alagoas, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Sergipe) Sudeste (Espírito Santo)

Status: LC

Figura 10- *Miconia amoena* Triana; A- Lâmina foliar; B- Inflorescência; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento abaxial; F-Hipanto; G- Estame.



Fonte: dados do autor

4.4.5 *Miconia albicans* (Sw.) Steud., Nomencl. Bot. [Steudel], ed. 2. 2: 139 (1841).

Figura 11.

Arbusto ca.1,5 m alt. **Ramos** cilíndricos glabros; entrenós 2-5 cm. **Folhas** pecioladas 0,5-1 cm; lâmina elíptica 2-5 x 5-10 cm; ápice cuspidado; base cordada a subcordada; margem inteira; textura coriácea; face adaxial glabra; face abaxial velutina; 5 nervuras. **Inflorescência** dicásio terminais. **Flores** pentâmeras sésseis; hipanto urceolado 0,4 x 0,3 cm; indumento velutino; sépalas livres 0,2 x 0,1 cm; pétalas brancas 0,3 x 0,4 cm; ápice arredondado; base séssil; margem inteira ciliada; 10 estames isomórficos; filetes brancos 0,3 cm compr.; tecas creme 0,3 cm compr.; conectivo curto dorsalmente apêdiculado; ovário 3-locular 0,3 x 0,2 cm; estilete branco 0,5 cm compr.; estigma capitado. **Fruto** baga, marrom, velutina 0,4 x 0,4 cm; cálice persistente; sementes numerosas > 0,1 cm.

Material examinado: Brasil, Bahia; Alagoinhas/Rio Branco, 09/05/2022, COSTA, M.V.F, 6, HUNEB; Aracás, 27/03/2023, COSTA, M.V.F, 29, HUNEB; Aracás, 27/03/2023, COSTA, M.V.F, 33, HUNEB; Ouricangas, 10/04/2023, COSTA, M.V.F, 36, HUNEB; Aramari, 10/04/2023, COSTA, M.V.F, 43, HUNEB; Aramari, 10/04/2023, COSTA, M.V.F, 48, HUNEB; Jandaíra, 08/05/2023, COSTA, M.V.F, 50, HUNEB; Jandaíra, 08/05/2023, COSTA, M.V.F, 53, HUNEB; Cardeal da Silva, 29/05/2023, COSTA, M.V.F, 56, HUNEB; Entre Rios, 29/05/2023, COSTA, M.V.F, 57, HUNEB; Conde, 27/06/2023, COSTA, M.V.F, 62, HUNEB; Estrada para Itanagra, 27/06/2023, COSTA, M.V.F, 67, HUNEB; Itanagra, 27/06/2023, COSTA, M.V.F, 70, HUNEB; Alagoinhas/UNEB, 06/07/2023, COSTA, M.V.F, 76, HUNEB; Catu/Fazenda Taboca, 02/09/2023, COSTA, M.V.F, 77, HUNEB; Alagoinhas/UNEB, 06/07/2023, COSTA, M.V.F, 82, HUNEB; Catu/Fazenda Taboca, 02/09/2023, COSTA, M.V.F, 87, HUNEB.

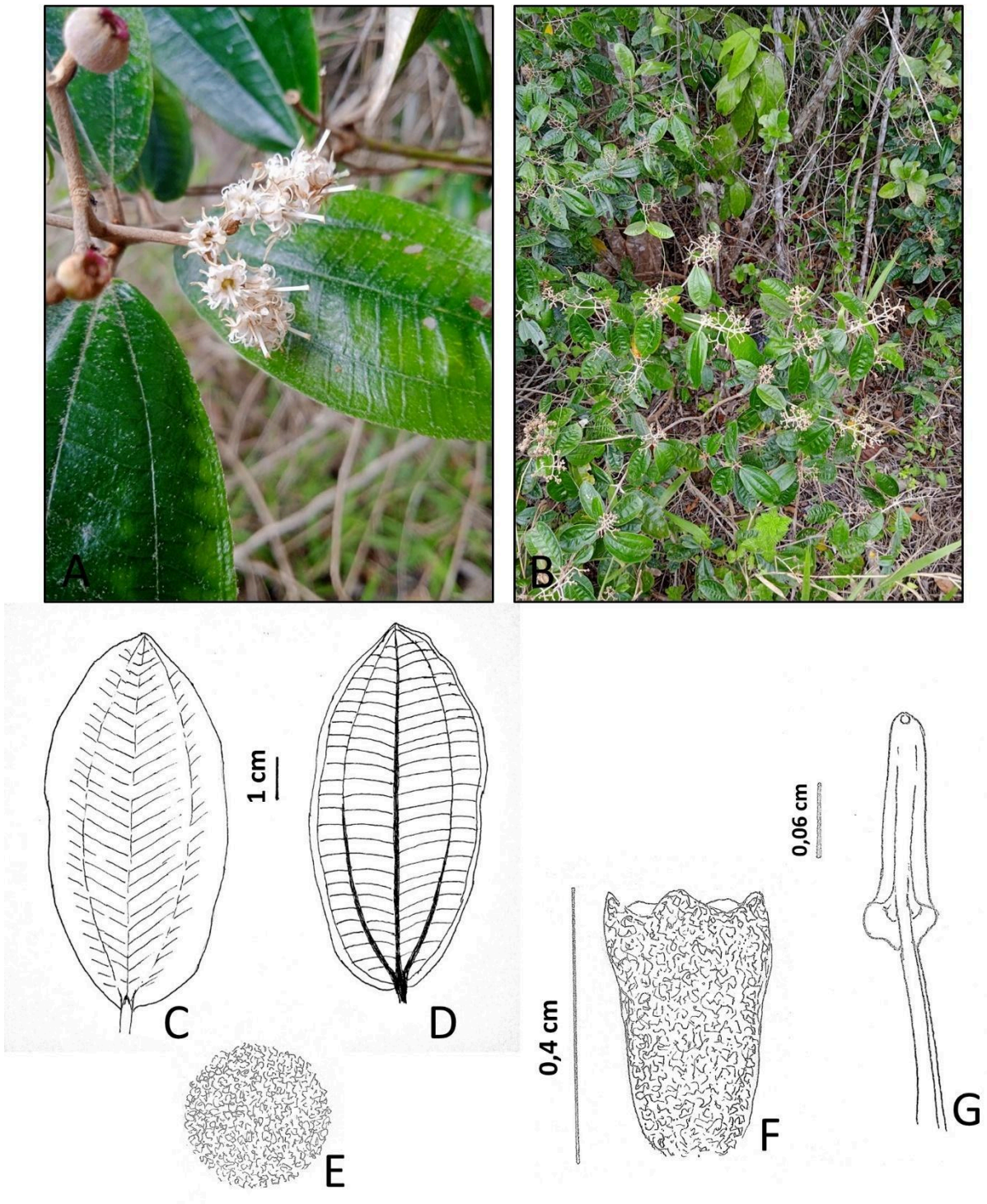
Comentário: *Miconia albicans* (Sw.) Steud. É nativa não endêmica, comum em bordas e clareiras. Nos estames, apresenta um apêndice dorsal prolongado em forma de saia, que se abre na base ventral da teca, sendo visível a olho nu.

Distribuição: Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins) Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe) Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso) Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) Sul (Paraná)

Status: NE

Miconia albicans (Sw.) Steud. foi encontrada em 10 dos 14 locais amostrados, geralmente compondo grandes populações e dominando as redondezas. E esse padrão de ocorrência pode ser sustentado pelo fato de que segundo Goldenberg (1994) essa espécie exibe apomixia, um processo de reprodução assexuada que lhe confere a capacidade de gerar uma grande quantidade de descendentes geneticamente idênticos. A apomixia oferece uma vantagem na colonização bem-sucedida de ambientes desafiadores ou recém-colonizados, pois elimina a dependência da polinização e da variabilidade genética, o que pode ser particularmente benéfico em locais com dispersão limitada de polinizadores ou condições imprevisíveis. Portanto, alta presença de *M. albicans* pode ser explicada pela sua capacidade de reprodução assexuada por apomixia, tornando-a bem adaptada para colonizar eficazmente diversos ambientes.

Figura 11- *Miconia albicans* (Sw.) Steud.: A- Flor; B- Hábito; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento adaxial e do hipanto; F- Hipanto; G- Estame.



Fonte: dados do autor

4.4.6 *Miconia minutiflora* (Bonpl.) DC., Prodr. [A. P. de Candolle] 3: 189 (1828).

Figura 12.

Árvore ca.7 m alt. **Ramos** cilíndricos glabros; entrenós 4 cm. **Folhas** pecioladas 1 cm compr.; lâmina elíptica lanceolada 8-10 x 3-4 cm; ápice agudo; base arredondada; margem inteira; textura cartácea; face adaxial glabra; face abaxial glabra exceto nervuras; 5 nervuras. **Inflorescência** pleiocásio terminais. **Flores** pentâmeras; pedicelo 0,2 cm compr., guarnecido por uma díade de folíolos 0,2 cm compr.; hipanto campanulado 0,2 x 0,2 cm; indumento velutino-estreado; sépalas livres inconspícuas 0,1 x 0,1 cm; pétalas brancas 0,2 x 0,1 cm; ápice obtuso; base séssil; margem inteira; 10 estames isomórficos; filetes brancos 0,2 cm compr.; tecas brancas 0,2 cm compr.; conectivo curto apendiculado dente dorsal; ovário 3-locular 0,1 x 0,1 cm; estilete branco 0,4 cm compr.; estigma não capitado. **Fruto** baga, preto glabro 0,3 x 0,3 cm; cálice persistente; sementes numerosas < 0,1 cm.

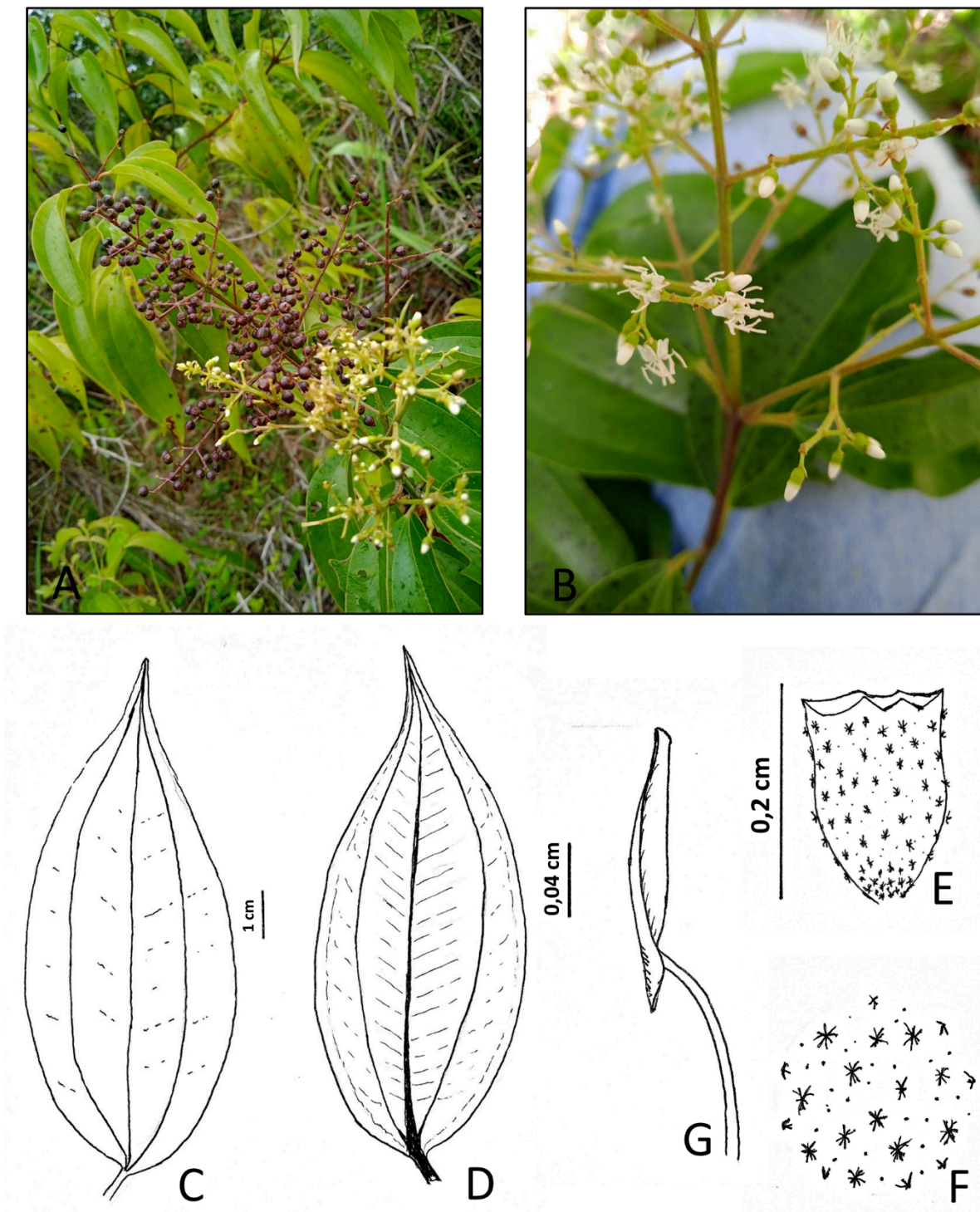
Material examinado: Brasil, Bahia; Alagoinhas/Rio Branco, 09/05/2022, COSTA, M.V.F, 10, HUNEB; Alagoinhas/Rio Branco, 29/09/2022, COSTA, M.V.F, 24, HUNEB.

Comentário: *Miconia minutiflora* (Bonpl.) DC. é nativa não endêmica, encontrada em ambientes fechados, no interior de mata. Seu caule apresenta padrões esbranquiçados, e suas folhas, em forma de lança, são completamente glabras, com três nervuras bem marcadas.

Distribuição: Norte (Acre, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins) Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Sergipe) Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso) Sudeste (Minas Gerais, São Paulo)

Status: NE

Figura 12- *Miconia minutiflora* (Bonpl.) DC.: A- Fruto; B- Flor; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Hipanto; F- Indumento do hipanto; G- Estame.



Fonte: dados do autor

4.4.7 *Miconia prasina* (Sw.) DC., Prodr. [A. P. de Candolle] 3: 188 (1828).

Figura 13.

Árvore ca.3,5 m alt. **Ramos** cilíndricos seríceo, velutino; entrenós 2-4 cm. **Folhas** pecioladas 1,5 cm compr.; lâmina elíptica 16-28 x 5-6,5 cm; ápice agudo; base atenuada; margem repanada; textura membranácea; face adaxial glabra; face adaxial glabra; 5 nervuras. **Inflorescências** dicásio terminais. **Flores** pentâmeras sésseis; hipanto campanulado 0,4 x 0,2 cm; indumento velutino; sépalas livres 0,1 cm; ápice obtuso; base séssil; margem inteira; pétalas brancas 0,2 x 0,3 cm; ápice obtuso; base truncada; margem inteira; 10 estames isomórficos; filetes brancos 0,1 cm compr.; tecas brancas 0,2 cm compr.; conectivo prolongado, 2 apêndices ventrais; ovário 4-locular 0,2 x 0,2 cm; estilete brancos 0,6 cm compr.; estigma não capitado. **Fruto** baga, rosa, glabra 0,4 x 0,4 cm; cálice persistente; sementes numerosas < 0,1 cm.

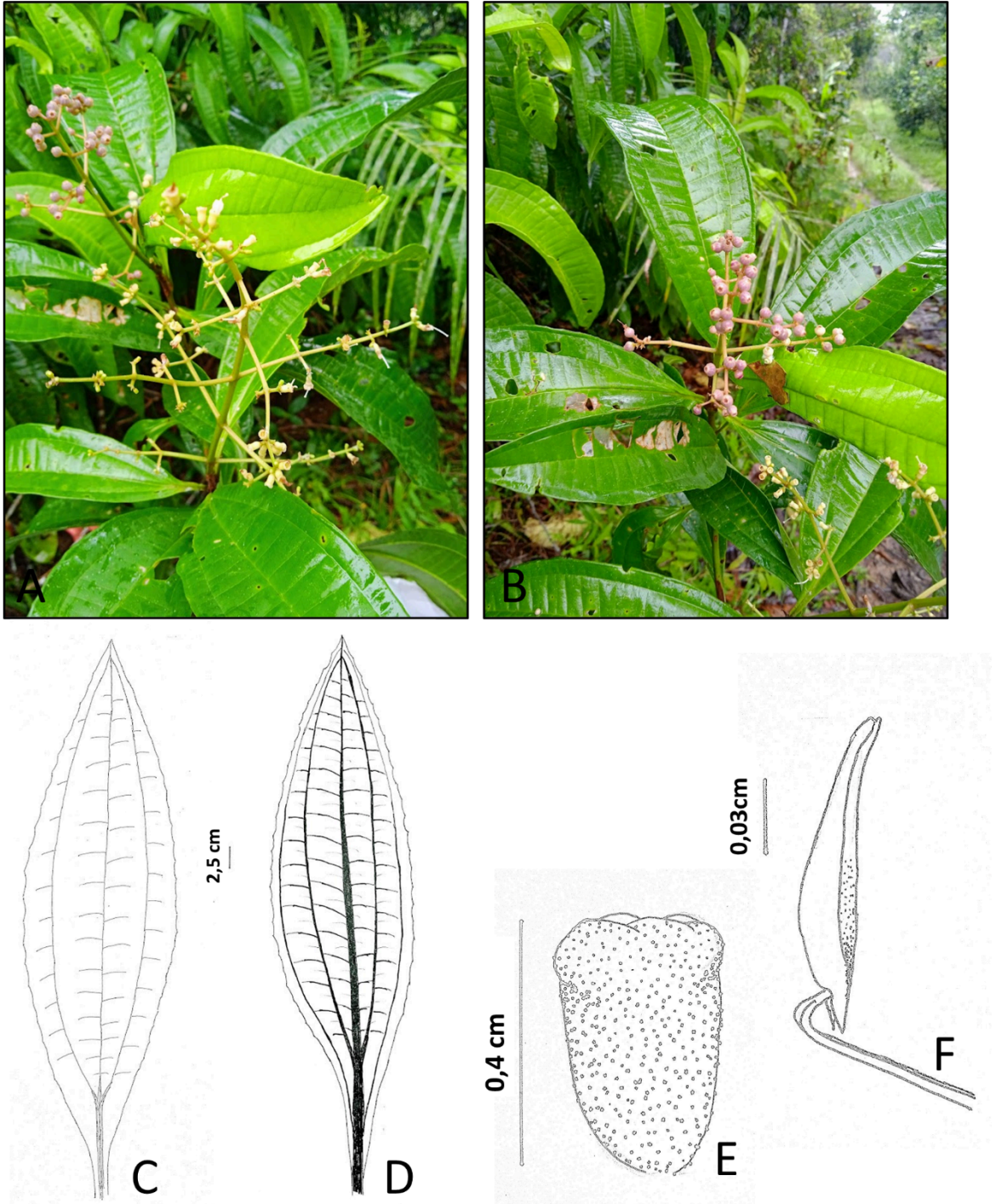
Material examinado: Brasil, Bahia; Alagoinhas/Rio Branco, 02/09/2022, COSTA, M.V.F, 17, HUNEB.

Comentário: *Miconia prasina* (Sw.) DC. é nativa não endêmica, encontrada em bordas de mata. Apresenta uma inflorescência característica, com ângulos retos de noventa graus, e flores dispostas nas extremidades em aglomerados. Os apêndices ventrais também são visíveis a olho nu.

Distribuição: Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins) Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Sergipe) Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso) Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) Sul (Paraná)

Status: NE

Figura 13- *Miconia prasina* (Sw.) DC. A- Inflorescência; B- Fruto; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Hipanto; F- Estame.



Fonte: dados do autor

4.4.8 *Miconia fallax* DC., Prodr. [A. P. de Candolle] 3: 181 (1828).

Figura 14

Arbusto ca.80 cm. **Ramos** cilíndricos glabros; entrenós 9-4 cm. **Folhas** subsésseis pecíolo <0,8 cm; lâmina ovada 12-6 x 6,5-3 cm; ápice cuspidado; base cordada; margem crenada glabra; textura cartácea; face adaxial glabra; face abaxial velutina; 5 nervuras. **Inflorescências** panícula escorpioide. **Flores** em botão. **Frutos** não observados.

Material examinado: Brasil, Bahia; Alagoinhas/Rio Branco, 02/09/2022, COSTA, M.V.F, 16, HUNEB.

Comentário: *Miconia fallax* DC. é nativa não endêmica, foi encontrada apenas com botões florais em bordas e clareiras, suas folhas sésseis são marcantes para a espécie além da inflorescência escorpioide

Distribuição: Norte (Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins) Nordeste (Bahia, Maranhão, Paraíba, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe) Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso) Sudeste (Minas Gerais, São Paulo)

Status: NE

Figura 14- *Miconia fallax* DC.: A Inflorescência; B Hábito



Fonte: dados do autor

4.4.9 *Miconia holosericea* (L.) DC., Prodr. [A. P. de Candolle] 3: 181 (1828).

Figura 15

Árvore ca.1,5 m. **Ramos** cilíndricos glabros; entrenós 12-4 cm. **Folhas** pecioladas 2-3 cm; lâmina elípticas 20-10 x 10-5 cm; ápice agudo; base cuneada; margem inteira glabra; textura cartácea; face adaxial glabra; abaxial velutina; 5 nervuras. **Inflorescência** não observada. **Flor** não observada. **Fruto** baga, verde, caduca 1 x 1 cm; sementes numerosas.

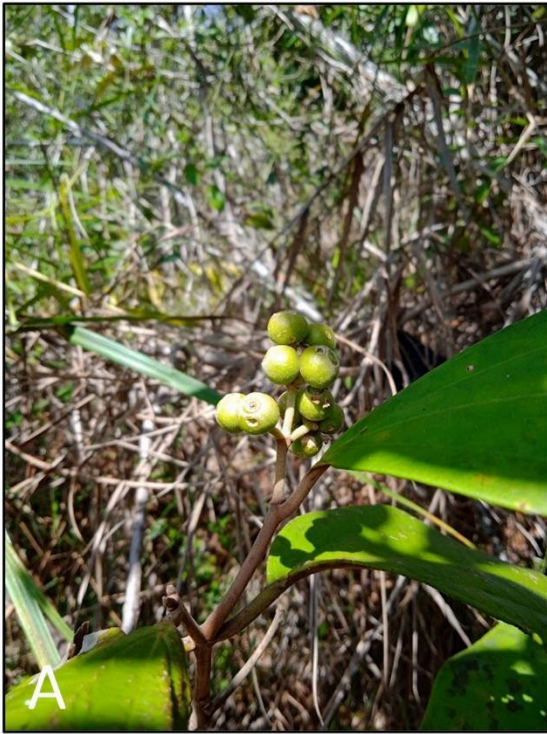
Material examinado: Brasil, Bahia; Catu/Fazenda Taboca, 02/09/2023, COSTA, M.V.F, 88, HUNEB; Catu/Fazenda Taboca, 02/09/2023, COSTA, M.V.F, 94, HUNEB.

Comentário: *Miconia holosericea* (L.) DC. é nativa não endêmica, encontrada apenas frutificada, sempre em bordas de mata, e apresenta frutos caducos, característica observada exclusivamente nesta espécie entre todas as pertencentes ao gênero *Miconia* identificadas neste estudo.

Distribuição: Norte (Acre, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins)
Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe)
Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso) Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo)

Status: NE

Figura 15- *Miconia holosericea* (L.) DC. A Fruto; B Lâmina foliar.



Fonte: dados do autor

4.5 *Pleroma* D.Don, Mem. Wern. Nat. Hist. Soc. 4: 283, 293 (1823).

Figura 16

Arbusto ou subarbusto. Ramos decussados pilosos. Folhas pilosas com lâminas ablongo-lanceoladas, lanceolado-ovado, lanceolado, ablonga, ovadas e cordiformes, base atenuada obtusa ou cordada, ápice agudo a obtuso, margem inteira ciliadas ou crenuladas, com uma nervura central acompanhada de 1 a 3 pares de nervuras subparalelas ou arqueadas. Inflorescência do tipo panícula terminal tirsóide a botrióide ou flores isoladas. Flores pentâmeras. Fruto capsula loculicida, semente cocleada a alongado-cocleada (Guimarães, 1997; Guimarães 2020).

Material examinado: Brasil, Bahia; Alagoinhas/Rio Branco, 02/09/2022, COSTA, M.V.F, 19, HUNEB; Alagoinhas/UNEB, 29/09/2022, COSTA, M.V.F, 25, HUNEB.

4.5.1 *Pleroma lhotskyanum* Triana, Trans. Linn. Soc. London 28(1): 43.

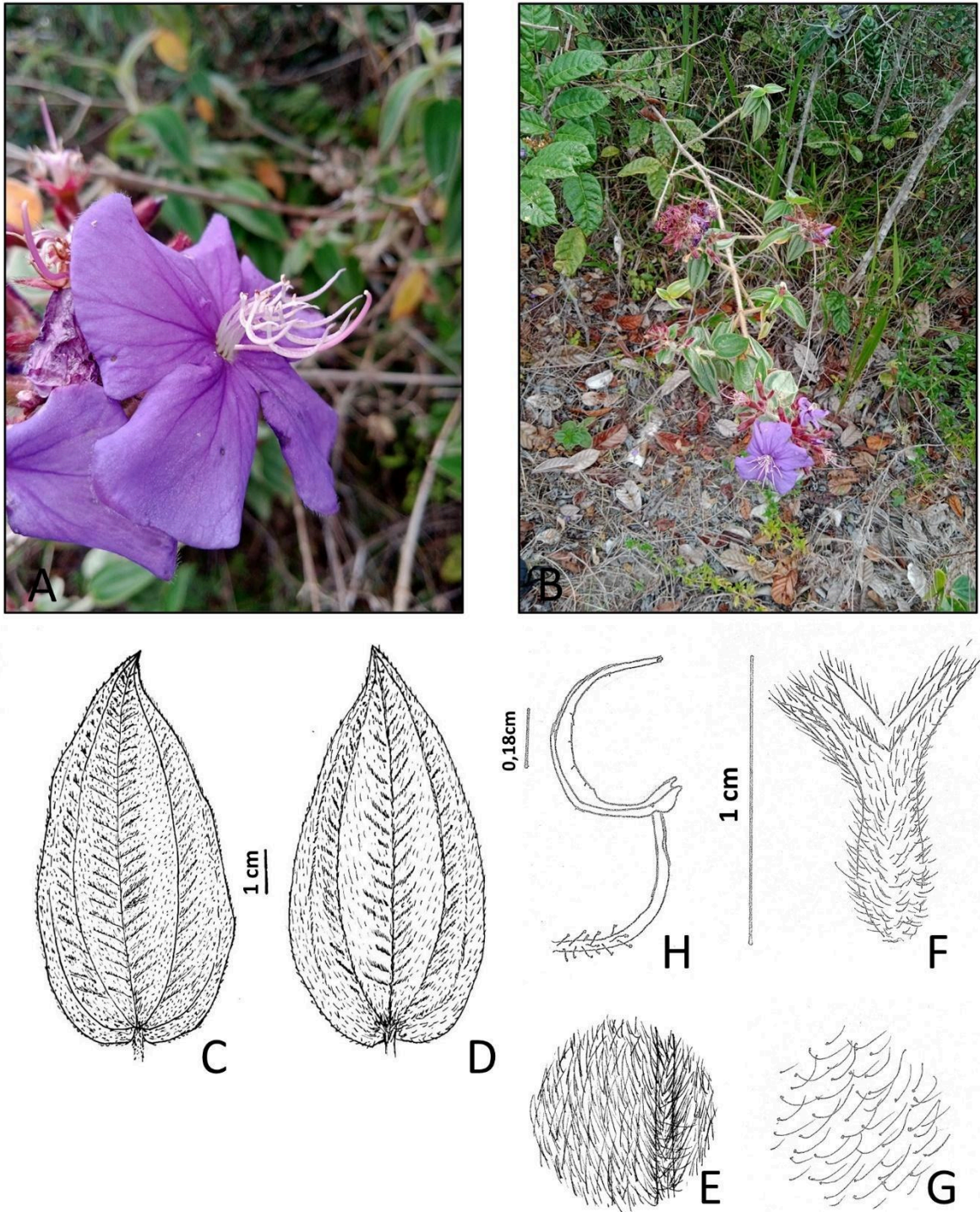
Arbusto ca. 3 m alt. **Ramos** cilíndricos tomentosos; entrenós 2,5-4 cm comp. **Folhas** pecioladas 2 cm; lâmina ovada 8-6 x 4,5-3 cm; ápice agudo; base subcordada; margem inteira serícea; textura membranácea; ambas as faces densamente seríceas; 5 nervuras. **Inflorescência** tirsóides. **Flores** pentâmeras; pedicelo 0,5 cm; hipanto tubuloso 1 x 0,5 cm seríceos; sépalas livres 0,6 cm; pétalas roxas 2,2 x 1,8 cm; ápice truncado; base atenuada; margem ciliada; 10 estames isomórficos; filetes brancos glandulares 1 cm; tecas brancas 0,8 cm; conectivo prolongado apendiculado na base; ovário 5-locular 0,5 x 0,3 cm; estilete lavanda 2,8 cm. **Fruto** cápsula 1 x 0,5 cm; sementes numerosas < 0,1 cm.

Comentário: *Pleroma lhotskyanum* (C. Presl.) Triana é nativa e endêmica de Mata facilmente reconhecida pelas flores de coloração roxa, que se destacam visivelmente em meio à vegetação. A espécie é comumente encontrada nas bordas de trilhas.

Distribuição: Nordeste (Bahia, Paraíba, Pernambuco, Sergipe) Sudeste (Espírito Santo)

Status: NE

Figura 16- *Pleroma lhotskyanum* (C. Presl.): A- Flor; B- Hábito; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento em ambas as faces; F- Hipanto; G- Indumento do hipanto; H- Estame.



Fonte: dados do autor

4.6 *Pterolepis* (DC.) Miq., Comm. Phytogr. 72 (1840).

Ervas ou subarbustos, ramos hirsutos, obtuso-tetragonais a quadrangulares. Folhas planas com tricomas seríceos. Flores 4–5-meras. Hipanto com projeções vascularizadas e ramificadas, Inflorescências axilares-terminais, reunidas ou não em glomérulos. Fruto cápsula com numerosas sementes (Ferreira, 2014; Guimarães & Silva, 2014).

4.6.1 Chave de identificação das espécies de *Pterolepis* (DC.) Miq para o Litoral Norte e Agreste Baiano

1 Caule tetragono, hipanto com tricomas simples, flores terminais isoladas.....*Pterolepis trichotoma*.

1'Caule cilíndrico, hipanto com tricomas ramificados, inflorescência em glomérulos terminais.....*Pterolepis glomerata*.

4.6.2 *Pterolepis glomerata* (Rottb.) Miq., Comm. Phytogr. 2: 78 (1840).

Figura 17

Erva ca.0,6 m de alt. **Ramos** cilíndricos tomentosos; entrenós 2-5 cm compr. **Folhas** pecioladas 0,2-0,4 cm compr.; lâmina ovada 1,5-2,5 x 1-1,5 cm; ápice obtuso; base subcordada; margem crenada hirto-ciliadas; textura membranácea; face adaxial estrigosa; face abaxial hisurta; 3 nervuras. **Inflorescência** terminais organizadas em glomérulos. **Flores** tetrâmeras sésseis; hipanto campanulado 0,5-0,5 cm; recoberto por tricomas ramificados; sépalas livres 0,3 x 0,5 cm; pétalas lilases 0,8 x 0,9 cm; ápice lobado; base decorrente; margem inteira ciliada; tricomas glandulares; 8 estames anisomórficos; filetes cor creme 0,4 cm compr.; tecas roxas 0,4 cm compr.; conectivo curto; apêndice ventral amarelo; estilete cor creme 0,9 cm compr.; estigma não capitado; ovário 4-locular 0,4 x 0,4 cm. **Fruto** cápsula, castanha 0,5 x 0,5 cm, cálice persistente; sementes numerosas < 0,1 cm.

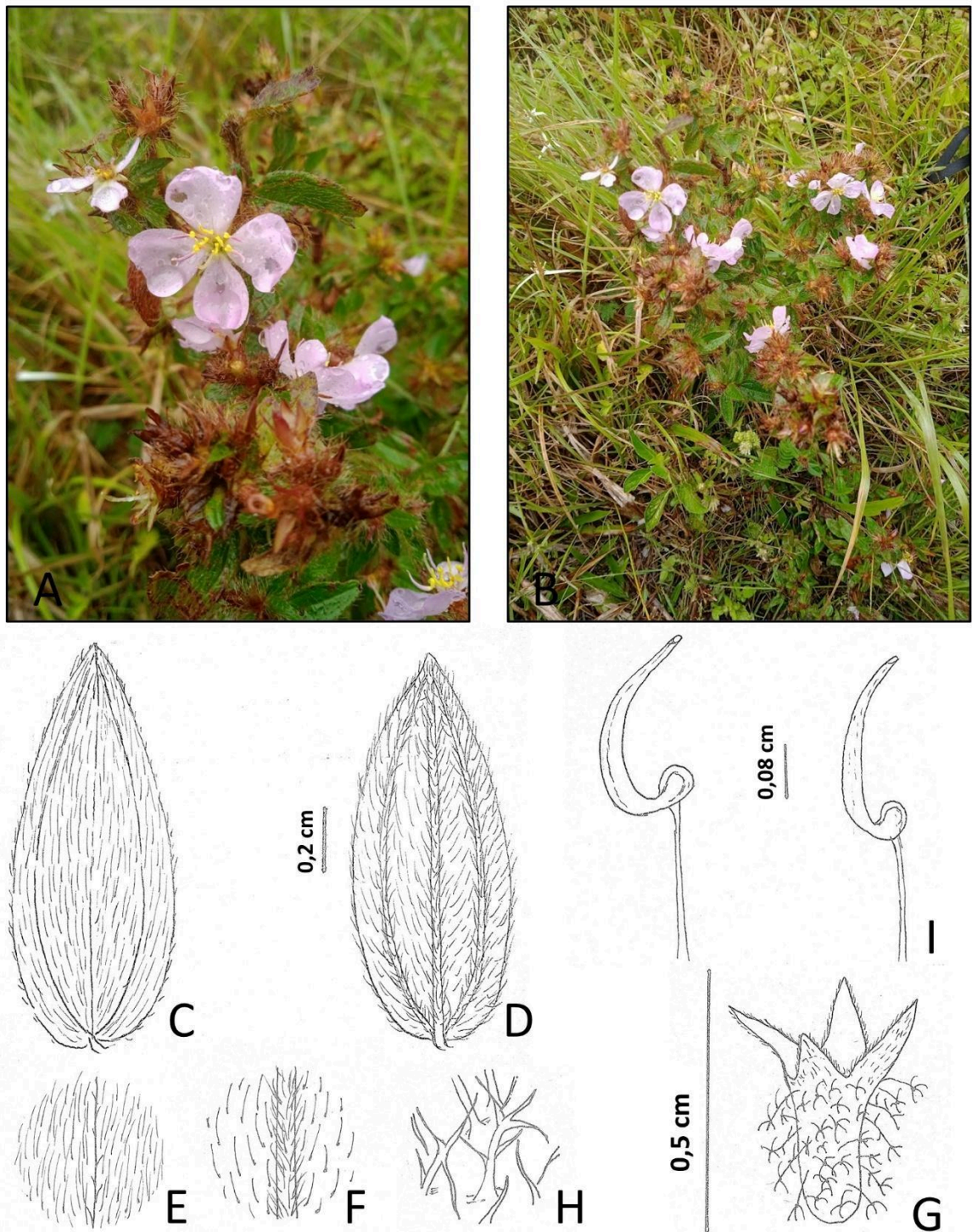
Material examinado: Brasil, Bahia; Alagoinhas/Rio Branco, 02/09/2022, COSTA, M.V.F, 18, HUNEB; Conde, 27/06/2023, COSTA, M.V.F, 73, HUNEB; Itanagra, 27/06/2023, COSTA, M.V.F, 81, HUNEB; Catu/Fazenda Taboca, 02/09/2023, COSTA, M.V.F, 96, HUNEB.

Comentário: *Pterolepis glomerata* (Rottb.) Miq. É nativa não endêmica, espécie ocorre em populações densas, sendo encontrada principalmente em terrenos alagados ou solos encharcados, e é mais facilmente identificada durante os períodos chuvosos. Suas pétalas são muito frágeis, o que torna raro encontrar flores com todas as pétalas intactas ou pouco danificadas.

Distribuição: Norte (Roraima) Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe) Centro-Oeste (Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso do Sul) Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo) Sul (Paraná, Santa Catarina)

Status: LC

Figura 17- *Pterolepis glomerata* (Rottb.) Miq. A- Flor; B- Hábito; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento adaxial; F- Indumento abaxial; G-Hipanto; H- Indumento do hipanto; I- Estames.



Fonte: dados do autor

4.6.3 *Pterolepis trichotoma* (Rottb.) Cogn., Fl. Bras. (Martius) 14(3): 261 (1885).

Figura 18

Erva ca.0,4 m de alt. **Ramos** tetragonos, sulcado, hisurto, avermelhados; entrenós 7-13 cm compr. **Folhas** pecioladas 0,3 cm compr.; lâmina elíptica 2-3 x 0,5-1 cm; ápice agudo; base arredondada; margem denteada com tricomas; textura membranáceas; ambas as faces recobertas por tricomas seríceos; 3 nervuras. **Inflorescência** axilares terminais em dicásio. **Flores** tetrâmeras isoladas; pedicelo com 0,2-0,3 cm; hipanto urceolado com 0,3 x 0,4 cm; recoberto por tricomas glandulares; sépalas livres 0,2 x 0,1 cm compr.; pétalas rosa a roxa 0,6 x 0,7 cm; ápice cuspidado; base atenuada; margem inteira ciliada com tricomas glandulares; 8 estames anisomórficos; filetes brancos 0,3 cm compr.; tecas roxas; ápice branco 0,4 cm compr.; conectivo prolongado 0,1 a 0,2 cm compr.; com apêndice ventral calcarado; estilete róseo pouco opaco 0,6 cm de compr.; estigma não capitado; ovário 8-locular 0,2 x 0,2 cm. **Fruto** não observado.

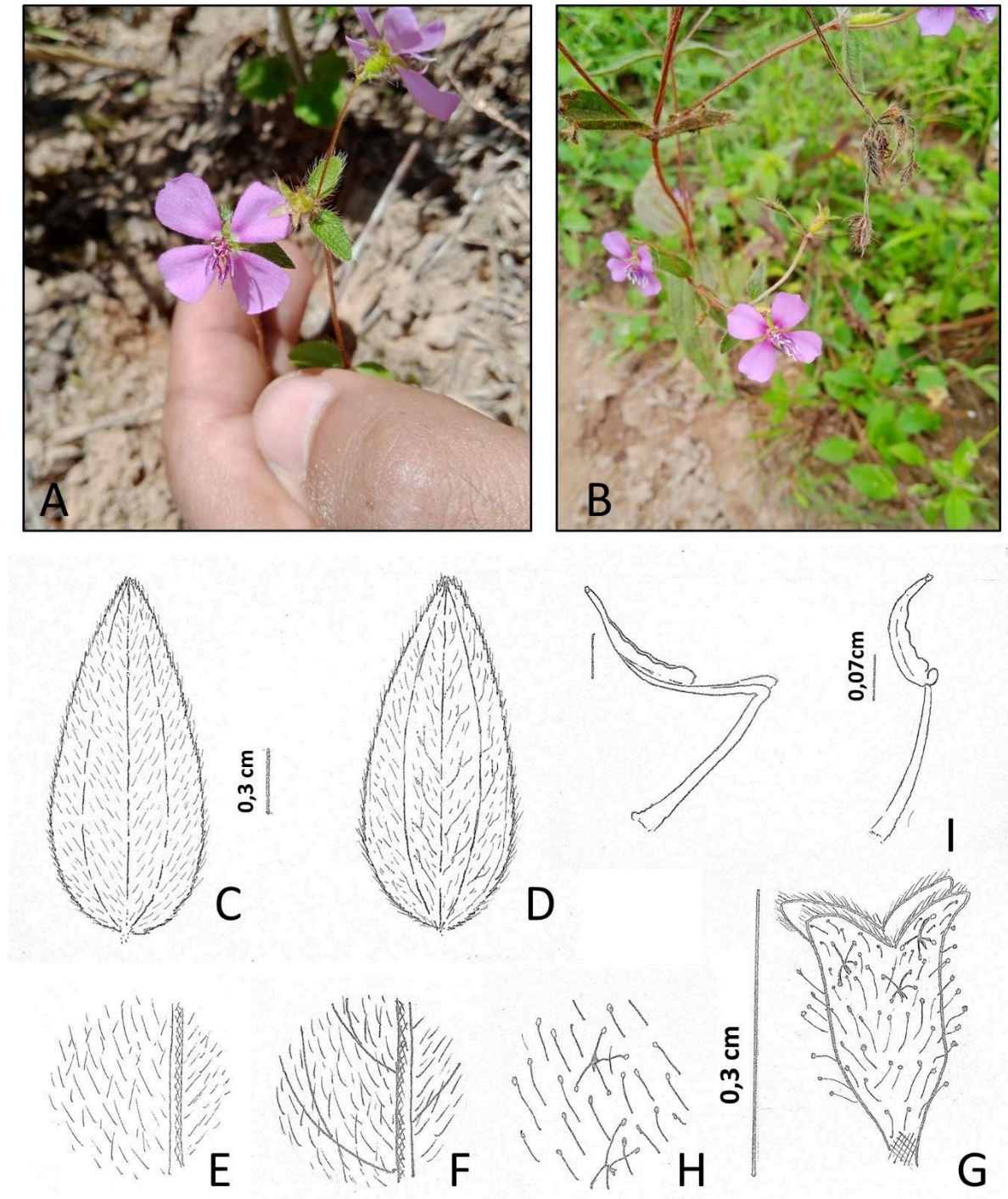
Material examinado: Brasil, Bahia; Alagoinhas/Rio Branco, 09/05/2022, COSTA, M.V.F, 8, HUNEB; Catu/Fazenda Taboca, 02/09/2023, COSTA, M.V.F, 95, HUNEB.

Comentário: *Pterolepis trichotoma* (Rottb.) Cogn. é nativa não endêmica, ocorre em populações pequenas ou isoladas, principalmente em clareiras ou bordas de mata com incidência solar direta. Sua coleta é predominantemente registrada nessas áreas, o que pode indicar que se trata de uma espécie de hábitos pioneiros, associada a ambientes em processo de recuperação.

Distribuição: Norte (Amapá, Pará, Roraima, Tocantins) Nordeste (Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe) Centro-Oeste (Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso) Sudeste (Minas Gerais, Rio de Janeiro) Sul (Santa Catarina)

Status: NE

Figura 18- *Pterolepis trichotoma* (Rottb.) Cogn. A- Flor; B- Hábito; C- Vista adaxial; D- Vista abaxial; E- Indumento adaxial; F- Indumento abaxial; G-Hipanto; H- Indumento do hipanto; I- Estames.



Fonte: dados do autor

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados revelam uma lacuna significativa no conhecimento da ocorrência da família Melastomataceae no território de identidade do Litoral Norte. Demonstrando uma carência alarmante de pesquisas botânicas dedicadas à família Melastomataceae ao longo do tempo. Os registros limitados de ocorrências em apenas sete dos 20 municípios que compõem a área de estudo foram ampliados agora com 14 dos 20 municípios com registro para a família com 16 espécies divididas em quatro gêneros.

Algumas espécies, como *Clidemia hirta* e *Miconia albicans*, demonstraram uma notável capacidade de adaptação a diferentes ambientes. Suas características reprodutivas, como apomixia e estratégias de polinização cruzada, podem explicar sua presença frequente em várias localidades. A observação de variações morfológicas significativas entre os espécimes coletados enfatiza a diversidade intrínseca da família Melastomataceae e a influência de fatores ambientais e de solo em sua morfologia.

A ausência de registros em alguns municípios não deve ser interpretada como a ausência da família Melastomataceae. É imprescindível investigar as razões por trás dessa falta de registros, incluindo fatores geográficos, ambientais e de degradação. A presença de espécies em locais previamente não registrados destaca a importância da conservação da biodiversidade nessas regiões. À medida que novos dados se tornam disponíveis, a proteção desses ambientes deve ser uma prioridade.

Em última análise, este estudo destaca a complexidade da ecologia e distribuição das plantas da família Melastomataceae no espaço geográfico do Litoral Norte. Para obter uma compreensão completa e precisa dessa biodiversidade, é essencial continuar investindo em pesquisa botânica, coleta de dados de campo e conservação. A colaboração entre botânicos, ecologistas e conservacionistas é fundamental para preservar e compreender a riqueza natural dessa região.

6. REFERÊNCIAS

- ANACLETO, Leonardo R. Importância do levantamento florístico para licenciamento ambiental. In: *Advice Ambiental*, 30 dez. 2016. Disponível em: <https://adviceambiental.com.br/blog/importancia-do-levantamento-floristico-para-licenciamento-ambiental/>. Acesso em: 16 fev. 2022.
- BAHIA. SEPLAN, 2022. Secretaria do Planejamento. Disponível em: <http://www.seplan.ba.gov.br/institucional/politica-territorial/#configuracao-territorial-e-mapas>. Acesso em: 27 fev. 2022.
- BARROSO, Graziela Marciel. *Sistemática de Angiospermas, Volume 2*. 1ª edição. Viçosa, MG: Imprensa Universitária da Universidade Federal de Viçosa, 1984.
- BFG. Growing knowledge: an overview of Seed Plant diversity in Brazil. [S.l.]: Rodriguésia, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-78602015000401085. Acesso em: 24 set. 2023.
- CAMPANILI, M., & PROCHNOW, M. (Eds.). (2006). *Mata Atlântica: Uma rede pela floresta*. Brasília: RMA.
- CRUZ, Ana Valéria de M. & KAPLAN, Maria A. Coelho. Uso medicinal de espécies das famílias Myrtaceae e Melastomataceae no Brasil. *Floram*, v. 11, n. 1, p. 47-52, ago./dez. 2004. Disponível em: <https://www.floram.org/article/588e2208e710ab87018b460c>. Acesso em: 16 fev. 2022.
- DE CASTRO, Silvana Aparecida Barbosa et al. *Ecofisiologia foliar de Melastomataceae dos campos rupestres*. 2015.
- EMB. Estatísticas dos Municípios Baianos. 2013. *EMB Estatísticas dos Municípios Baianos: Salvador*, v. 4, n. 1, 2013. ISSN 1519-4124.
- FERREIRA, Catrine De Almeida. *Flóristica de Melastomataceae em um fragmento de mata ombrófila densa no município de Alagoinhas, Bahia*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, 2009.
- FERREIRA, Sidney Alberto N.; ANTONIO, Isaac COHEN; JANSEN, Mauro Roberto A. *Biologia reprodutiva de Clidemia hirta (L.) D. Don (Melastomataceae)*. *Acta Amazonica*, v. 24, p. 183-188, 1994.
- FILGUEIRAS, T.S.; NOGUEIRA, P.E.; BROCHADO, A.L. & GUALA II, G.F. *Caminhamento: um método expedito para levantamentos florísticos qualitativos*. Brasília-DF: *Cadernos de Geociências*, 12: 39-43, 1994.
- Flora e Funga do Brasil*. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- FRAGA, C.N.; GUIMARÃES, P.J.F. Two new species of *Pleroma* (Melastomataceae) from Espírito Santo, Brazil. *Phytotaxa*, 166: 77–84. 2014.

GARDONI, Livia Cristina de Paiva; ISAIAS, Rosy Mary dos Santos; VALE, Fernando Henrique Aguiar. Morfologia e anatomia foliar de três morfotipos de *Marcetia taxifolia* (A. St.-Hil.) DC. (Melastomataceae) na Serra do Cipó, MG. *Brazilian Journal of Botany*, v. 30, p. 487-500, 2007.

GOLDENBERG, Renato. Estudos sobre a biologia reprodutiva de espécies de Melastomataceae de Cerrado em Itirapina, SP. Campinas: Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 1994.

GOLDENBERG, Renato; BAUMGRATZ, José Fernando A.; SOUZA, Maria Leonor D. Taxonomia de Melastomataceae no Brasil: retrospectiva, perspectivas e chave de identificação para os gêneros. *Rodriguésia*, v. 63, p. 145-161, 2012.

GOLDENBERG, Renato; BAUMGRATZ, José Fernando A.; SOUZA, Maria Leonor D. Taxonomia de Melastomataceae no Brasil: retrospectiva, perspectivas e chave de identificação para os gêneros. *Rodriguésia*, v. 63, p. 145-161, 2012.

GUIMARAES, P. J. F et al. Systematics of *Tibouchina* and allies (Melastomataceae: Melastomateae): A new taxonomic classification. *Taxon*, v. 68, n. 5, p. 937-1002, 2019.

GUIMARÃES, Paulo José Fernandes et al. Systematics of *Tibouchina* and allies (Melastomataceae: Melastomateae): a new taxonomic classification. *Taxon*, v. 68, n. 5, p. 937-1002, 2019.

GUIMARÃES, Paulo José Fernandes; SILVA, Marcus Felipe Oliveira da. *Aciotis*, *Acisanthera*, *Marcetia* e *Pterolepis* (Melastomeae-Melastomataceae) no estado do Rio de Janeiro. *Rodriguésia*, v. 65, p. 1023-1035, 2014.

IBF (Instituto Brasileiro de Florestas). Espécies da Mata Atlântica. Disponível em: <https://www.ibflorestas.org.br/especies/>. Acesso em: 10 dez. 2024.

JESUS, JC de; ROMERO, Rosana; ROQUE, Nadia. Two new species of *Microlicia* (Melastomataceae) from the Septentrional Espinhaço, Bahia, Brazil. 2018.

JUDD, Walter; IONTA, Gretchen; MAJURE, Lucas; MICHELANGELI, Fabian. Taxonomic and nomenclatural notes on *Miconia crenata* and related species (Melastomataceae: Miconieae) in the Greater Antilles. *Journal of the Botanical Research Institute of Texas*, v. 12, p. 521-529, 2018. DOI: 10.17348/jbrit.v12.i2.955.

MARTINS, A.B. Melastomataceae. *Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo Online*. Vol. 6. 2009.

MARTINS, Angela Borges. Revisão taxonômica do gênero *Cambessedesia* DC. (Melastomataceae). 1984. Tese de Doutorado. [sn].

MATOS, Marcos Mendes et al. O gênero *Clidemia* (Melastomataceae) no Brasil: uma revisão taxonômica. *Rodriguésia*, v. 72, p. 1181-1199, 2021.

MELO, Gladys Flavia de; MACHADO, Isabel Cristina. Auto-incompatibilidade em *Miconia ciliata* (LC Rich.) DC. (Miconieae-Melastomataceae). *Acta Botanica Brasilica*, v. 12, p. 113-120, 1998.

MICHELANGELI, F. A. et al. Phylogenetic relationships and distribution of new world Melastomeae (Melastomataceae). *Botanical journal of the Linnean Society*, v. 171, n. 1, p. 38-60, 2013.

MICHELANGELI, F.; ALMADA, F.; GOLDENBERG, R.; PENNEYS, D. Um guia para curar coleções de melastomataceae do novo mundo com uma sequência genérica linear para melastomataceae em todo o mundo. *Preprints*, 2020. Disponível em: <https://www.preprints.org/manuscript/202010.0203/v1>. Acesso em: 16 fev. 2022.

MICHELANGELI, F.A., Reginato, M. *Clidemia* in Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil2015.jbrj.gov.br/FB9442>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MICHELANGELI, Fabian; GOLDENBERG, Renato; ALMEDA, Frank; JUDD, Walter; BÉCQUER, Eldis R.; OCAMPO, Gilberto; IONTA, Gretchen; SKEAN, James; MAJURE, Lucas; PENNEYS, Darin. Nomenclatural novelties in *Miconia* (Melastomataceae: Miconieae). *Brittonia*, v. 71, 10.1007/s12228-018-9546-0, 2018.

MORI, S.A.; SILVA, L.A.M.; LISBOA, G. & CORADIN, L. Manual de Manejo de Herbário Fanerogâmico. 2ª ed. Ilhéus, Centro de Pesquisas do Cacau, 1989.

PATARO, Luciano; ROMERO, Rosana; ROQUE, Nádia. *Microlicieae* (Melastomataceae) no município de Mucugê, Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. *Rodriguésia*, v. 68, n. 4, p. 1287-1311, 2017.

PEREIRA-DINIZ, Sandra Graciele et al. *Ecofisiologia da germinação de sementes de Clidemia hirta* (L.) D. Don (Melastomataceae). 2003.

ROMERO, ROSANA; MARTINS, ANGELA B. *Melastomataceae do Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais, Brasil*. *Brazilian Journal of Botany*, v. 25, p. 19-24, 2002.

Stevens, P. F. (2001 onwards). *Angiosperm Phylogeny Website*. Version 14, July 2017 [and more or less continuously updated since]. Disponível em: <http://www.mobot.org/MOBOT/research/APweb/>. Acesso em: 20 de março de 2023.

TURNER, I.M. & CORLETT, R.T. *The Conservation Value of Small, Isolated Fragments of Lowland Tropical Rain Forest: Trends in Ecology & Evolution*, 1996. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/016953479610046X>. Acesso em: 15 mar. 2023.

ULLOA ULLOA, Carmen et al. *Melastomataceae: global diversity, distribution, and endemism*. In: *Systematics, evolution, and ecology of Melastomataceae*. Cham: Springer International Publishing, 2022. p. 3-28.